



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A
UNIVERSIDADE

JUAN FELIPY FELIX DE OLIVEIRA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS ACERCA DO HIV

Salvador - BA
2019

JUAN FELIPY FELIX DE OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
ACERCA DO HIV**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientador: Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Co-orientador: Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro

Salvador - BA
2019

Ficha catalográfica fornecido pelo Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA

SIBI-UFBA

Oliveira, Juan Felipy Felix de

Representações Sociais de estudantes universitários acerca do HIV. / Juan Felipy Felix de Oliveira. -- Salvador, 2019.
102f. : il

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Thereza Ávila Dantas Coelho.

Coorientador: Prof.^o Dr.^o Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade) -- Universidade Federal da Bahia, 2019.

1. HIV. 2. Associação Livre. 3. Estudantes. 4. Universidades. 5. Saúde. I. Coelho, Maria Thereza Ávila Dantas. II. Ribeiro, Jorge Luiz Lordêlo de Sales. III. Título.

JUAN FELIPY FÉLIX DE OLIVEIRA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
ACERCA DO HIV**

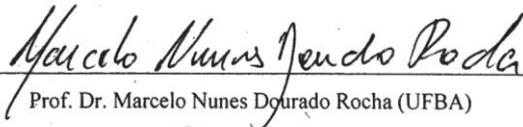
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 29 de março de 2019.

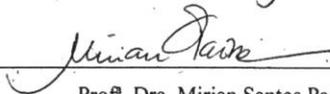
Banca examinadora



Prof. Dra. Jeane Freitas de Oliveifa (UFBA)



Prof. Dr. Marcelo Nunes Dourado Rocha (UFBA)



Prof. Dra. Mirian Santos Paiva (UFBA)

ADRADECIMENTOS

Tudo na vida tem um propósito e ninguém caminha sozinho. Várias foram as pessoas que contribuíram para a realização do presente trabalho, que foi fruto de muita determinação, persistência, acertos e também erros.

Gosto de pensar que minha aproximação com a temática do HIV seguiu uma evolução natural, iniciando-se no ano de 2013, quando ingressei no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS/UFBA), participando em seguida do projeto de extensão universitária “AIDS: Educar para desmitificar”, no qual tive a honra de ficar mais de 2 anos como monitor. Ao longo desse tempo, até a minha entrada no Mestrado, tive o prazer de participar de ricas discussões, bem como também apresentar trabalhos em congressos e eventos.

Primeiramente dou graças a Deus, que me deu o dom da vida, além de todas as bênçãos que foram propiciadas a mim e à minha família.

Agradeço a meus pais Ana e Helio, minha maior fonte de inspiração e respeito, meu muito obrigado por todo o sacrifício que fizeram em prol da minha criação e educação, nunca conseguirei retribuir todo o cuidado que tiveram (e continuam tendo) por mim.

À minha irmã Jamila, que para sempre continuará sendo a minha irmãzinha, sempre buscarei o meu melhor, como irmão mais velho, para servir de modelo para ti.

Não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram ao longo desta jornada. Agradeço em especial à minha companheira Adrielle, por todo o apoio, carinho, compreensão e por sempre ter acreditado no meu potencial.

Agradeço também ao meu melhor amigo Igor, meu irmão que não é de sangue, por todas as conversas e conselhos, assim como a meus amigos Danilo e Nilo.

Aos meus orientadores Dr^a Thereza Coelho e Dr. Jorge Sales, meus mais sinceros agradecimentos! Em especial à Thereza, por ter me acolhido em 2014 e ter tido desde então a maior paciência do mundo comigo, sou grato por todos os

ensinamentos, lições e puxões de orelha também. À Jorge, por toda a atenção e auxílio que me deu ao longo desta jornada.

À Carle, por toda a ajuda prestada, por todos os esclarecimentos e, principalmente, por ter me apresentado ao campo das Representações Sociais; você é luz!

A todos os participantes do grupo de pesquisa SAVIS: Angélica, Luciana, Carle, Vitor, Junior, Jarlan, Louyze, Vinicius, Luciana, Felipe, Beatriz e Genário, pelas ricas discussões e aprendizado. Em especial a Vitor, que assumiu meu papel como monitor e me auxiliou diversas vezes.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pelo apoio e incentivo à pesquisa; não teria como deixar de agradecê-la.

A todas as pessoas que con(vivem) com o HIV/AIDS.

Meu muito obrigado a todos(as)!

OLIVEIRA, Juan Felipy Felix de. **Representações Sociais de estudantes universitários acerca do HIV**. 102 f. il. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

Introdução: Após quase 40 anos passados desde a contabilização dos primeiros casos de infecção pelo HIV, estima-se que, até junho de 2018, apenas no Brasil, 982.129 pessoas tenham contraído o vírus. O HIV/AIDS é uma doença de múltiplas faces, que pode sofrer a influência de diversos fatores, sejam eles demográficos, socioespaciais, financeiro, de gênero, etc. Vários são os campos de saber que o estudam, inclusive com a abordagem das Representações Sociais. **Objetivo:** analisar as Representações Sociais de estudantes universitários, participantes de um projeto de extensão sobre o HIV/AIDS. **Metodologia:** Trata-se de um trabalho quanti-qualitativo, realizado em dois momentos, com estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares, da Universidade Federal da Bahia, que participaram do Projeto de extensão universitária AIDS: Educar para Desmitificar, nos anos de 2017 e 2018. Num primeiro momento, buscou-se identificar a estrutura das representações dos estudantes sobre o HIV. Em seguida, foram discutidas as Representações Sociais propriamente ditas. Para a coleta de dados foi utilizado o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), além da realização de entrevistas semiestruturadas. Os dados foram analisados com o auxílio do aporte teórico e metodológico da Teoria das Representações sociais, proposta por Moscovici, e da Análise de Conteúdo de Bardin, de forma a explorar a complexidade das respostas dos participantes. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). **Resultados e Discussões:** Ao contrário do que acontece em outros 10 estados brasileiros, as taxas de detecção do HIV/AIDS no estado da Bahia apresentam tendência de aumento, com 11% a mais no ano de 2017, quando comparado com 2007. Os casos estão concentrados, para homens e mulheres, na faixa etária de 25 a 39 anos. Em relação à estrutura representacional dos estudantes acerca do HIV, percebe-se que

o seu Núcleo Central é constituído pela ideia de doença, embora se disponha hoje de um cuidado em saúde que pode evitar o desencadeamento da AIDS. A análise dos TALP e das entrevistas possibilitaram uma série de reflexões, notadamente sobre a percepção que os jovens têm acerca do não uso do preservativo. Segundo eles, essa prática se configura como o principal comportamento de risco frente às infecções do HIV, porém os mesmos acabam não se considerando expostos a esse risco, praticando o sexo desprotegido. Isso indica uma possível transferência de percepção de vulnerabilidade, quando associam, de alguma forma, as infecções a determinados 'grupos' ou situações específicas. **Considerações:** Embora existam trabalhos sobre as representações sociais ligados à temática do HIV/AIDS, o tema faz relações com diversas questões, não se limitando apenas ao vírus ou à síndrome. Foram identificados os conhecimentos e as percepções de aspectos que se relacionam direta ou indiretamente com o vírus, como comportamentos de risco, formas de transmissão, tratamento, etc. Também se percebeu que certos aspectos individuais e coletivos podem exercer influências nessas representações. Pode-se afirmar que o HIV carrega até hoje uma série de elementos relacionados aos processos de saúde e doença, como fatores de vulnerabilidade, formas de prevenção ao contágio, fatores socioculturais, pauperização, dentre outros. Levando essas questões em consideração, bem como o aumento de infecções entre jovens, se mostra de exímia importância o incentivo à pesquisas e ações voltadas especificamente para a população universitária. Além disso, também deve ser incentivada a criação de espaços para diálogos, onde os estudantes possam expor suas opiniões, dúvidas e questionamentos.

Palavras-chave: HIV; associação livre; estudantes; universidades; saúde.

OLIVEIRA, Juan Felipy Felix de. **Social Representations of university students about VIH.** 102 f. il. 2019. Master Dissertation - Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ABSTRACT

Introduction: After nearly 40 years since the first cases of HIV infection, it is estimated that 982.129 people have contracted the virus in Brazil until June 2018. HIV/AIDS is a multiple-sided disease that can be influenced by a variety of factors, whether demographic, socio-spatial, financial, gender, etc. There are several fields of knowledge that study it, including the approach of the Social Representations.

Objective: To analyze the Social Representations of University students, participants of an University Extension Project about HIV/AIDS. **Methodology:** This is a quantitative study, done in two moments, with students of the Interdisciplinary Bachelors of the Federal University of Bahia, who participated in the University Extension Project called AIDS: Educating to demystify, in the years 2017 and 2018. The first step was to identify the structure of the students' representations about HIV. Then, the Social Representations themselves were discussed. For data collection, the Test of Free Association of Words (TALP) was used, as well as semi-structured interviews. The data were analyzed according to the Theory of Social Representations, proposed by Moscovici, and according to Content Analysis, proposed by Bardin, in order to explore the complexity of participants' responses. The study was approved by the Research Ethics Committee of the Nursing School of the Federal University of Bahia (UFBA) and the participants signed a Free Informed Term of Consent.

Results and Discussion: In contrast to what happens in 10 other Brazilian states, HIV/AIDS detection rates in Bahia state shows a tendency to increase, with an increase of 11% in 2017, when compared to 2007. The cases are concentrated, for men and women, at the age of 25 to 39 years. In relation to the students representational structure about HIV, we can realize the association between HIV and disease, which composes the Central Nucleus of these representations about the virus, although there is now a health care that can prevent the AIDS. We can make a lot of reflections by analyzing the TALP and interviews,

especially the perception of young people about the non-use of condoms in sexual relations. According to them, this practice consists the main risk behavior related to HIV infections, however the same students do not consider themselves exposed to this risk, even practicing unprotected sex. This indicates a potencial transference of vulnerability perception, when students associates HIV infections to particular 'groups', or situations. **Considerations:** Although we find studies about HIV/AIDS social representations, the topic in question deals with several issues, not only about the virus or the syndrome. Knowledge about issues that are directly or indirectly related to the virus have been identified, such as risk behaviors, forms of transmission, treatment, etc. It has also been realized that certain individual and collective aspects may influentiate these representations. HIV carries to this day a series of elements related to health and disease processes, such as vulnerability factors, forms of prevention, sociocultural factors, pauperization, among others. Taking this into consideration, as well as the increase of infection among young people, it is of great importance to encourage research and actions specifically aimed to the university students. In addition, it should be encouraged to create spaces for dialogues, where students can express their opinions, doubts and questions.

Keywords: HIV; free association; students; universities; health.

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|---|----|
| Quadro 1 | Configuração estrutural da representação sobre o HIV: elementos centrais e periféricos, entre estudantes universitária(o)s (Artigo 1) | 35 |
|----------|---|----|

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|----------|---|----|
| Figura 1 | Análise de similitude das palavras evocadas pelos estudantes universitários a partir do estímulo indutor HIV (Artigo 1) | 37 |
|----------|---|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|--|
| ABIA | Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS |
| AIDS | Acquired Immunodeficiency Syndrome |
| ANDIFES | Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior |
| APAE | Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais |
| BIS | Bacharelado Interdisciplinar em Saúde |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CRS | Comportamentos de risco para a saúde |
| DST | Doença Sexualmente Transmissível |
| EVOC | Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Evocations |
| GAPA | Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS |
| HIV | Human Immunodeficiency Virus |
| IFBA | Instituto Federal da Bahia |
| IFES | Institutos Federais de Ensino Superior |
| IHAC | Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos |
| IRAMUTEQ | Interface de R pour Les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires |
| MCM | Meios de comunicação de massa |
| PPGEISU | Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade |
| PVHA | Pessoas vivendo com HIV e AIDS |

| | |
|-------|--|
| RS | Representações Sociais |
| SAVIS | Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Violência e Subjetividade |
| SIDA | Síndrome da Imunodeficiência Humana |
| SUS | Sistema Único de Saúde |
| TALP | Teste de Associação Livre de Palavras |
| TARV | Terapia antirretroviral |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TRS | Teoria das Representações Sociais |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| VIH | Vírus da Imunodeficiência Humana |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO..... | 16 |
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 2. ARTIGOS..... | 23 |
| 2.1 ARTIGO 1..... | 23 |
| 2.2 ARTIGO 2..... | 51 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 82 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 85 |
| APÊNDICES..... | 95 |
| APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)..... | 96 |
| APÊNDICE B – TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS (TALP) APLICADO AOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA EXTENSÃO AIDS: EDUCAR PARA DESMITIFICAR..... | 97 |
| APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS ESTUDANTES PARTICIPANTES DA EXTENSÃO AIDS: EDUCAR PARA DESMITIFICAR..... | 98 |
| ANEXOS..... | 99 |
| ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UFBA / PLATAFORMA BRASIL..... | 100 |

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação é fruto de todo um processo de aprendizagem, que se deu de forma contínua. Meu interesse pela temática do HIV iniciou-se no ano de 2014, quando ingressei como bolsista no Projeto de Extensão Universitário AIDS: Educar para Desmitificar, enquanto ainda estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. O projeto em questão, vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA), coordenado pela Prof^a Thereza Coelho, minha atual orientadora, possibilitou experiências únicas. Nele passei dois anos, interagindo com os estudantes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e outras instituições de ensino acerca da temática. A cada encontro eram discutidos assuntos específicos, como dados epidemiológicos, formas de prevenção ao vírus, características e sintomas da síndrome, dentre outras questões. Num determinado momento percebi que alguns aspectos tendiam a aparecer em cada encontro, relacionados à sexualidade, vulnerabilidade, aos determinantes sociais da saúde, formas de contágio do HIV e qualidade de vida das pessoas que convivem com o HIV/AIDS (PVHA).

Quando penso na minha trajetória como pesquisador, vejo que nada seria possível sem a Thereza, que me acolheu no grupo de pesquisa SAVIS – Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, Violência e Subjetividade, e me aceitou como orientando, quando ingressei no mestrado acadêmico em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, através do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A minha escolha pelo PPGEISU se deu pela possibilidade de ser uma das opções de seguimento do BI, além do ingresso no CPL (curso de progressão linear). Então, a decisão pelo ingresso no mestrado surgiu da perspectiva de poder trabalhar com duas temáticas do meu interesse, o HIV/AIDS e a Teoria das Representações Sociais, uma vez que esse programa de pós-graduação conta com a Linha de pesquisa II – Promoção de saúde e Qualidade de vida.

1. INTRODUÇÃO

Estima-se que quase 1 milhão de pessoas tenham sido infectadas com o vírus do HIV no Brasil. Após quase 40 anos passados desde o seu surgimento, o último senso do Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS, do Ministério da Saúde, apresenta que, de 1980 até junho de 2018, 982.129 pessoas tenham contraído o vírus. Apenas contabilizando o ano de 2017, 42.420 novas pessoas foram diagnosticadas como portadoras do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) (BRASIL, 2018).

Em meados de 1980, a falta de informação sobre a então doença misteriosa que aumentava cada vez mais entre determinados grupos, intitulados de “grupos de risco”, fez com que ela fosse chamada de doença / peste gay (OLIVEIRA et al., 2007). Esse fator, atrelado ao descaso do Estado, propiciou a formação de preconceitos e o processo de estigmatização das pessoas que vivem com o HIV/AIDS (PVHA). Sobre isso, Angelim et al (2017, p. 227) observaram que “O julgamento da pessoa com HIV/Aids remete à culpa pela contaminação, ao não uso do preservativo e à multiplicidade de parceiros como causas da contaminação.”. Apenas em 1985 surge a primeira organização com o intuito de auxiliar nos casos relacionados com o HIV/AIDS, o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA), que luta pela melhoria de vida das PVHA até os dias atuais (BASTOS, RUIZ & ARAÚJO, 2008).

De acordo com Silva, Magalhães Jr e Inada (2017, p. 461), “A AIDS provocou uma nova visão para a área médica, estabelecendo uma maior atenção ao paciente, pois os profissionais de saúde são fundamentais na organização de ações de prevenção e controle do HIV/AIDS”. Vale ressaltar que o HIV/AIDS é uma doença de múltiplas faces, que pode sofrer a influência de diversos fatores, sejam eles demográficos, socioespaciais, financeiro, de gênero, etc. Como consequência disso, Kadri e Schweickardt (2015, p. 1332) salientam que “O enfrentamento à AIDS era (e é!) uma intervenção de promoção dos direitos humanos.”, uma vez que ela atinge pessoas de todas as etnias, níveis socioeconômicos, credos, nacionalidades, e assim por diante.

Santos (2014, p. 23) afirma que “Viver com o HIV/AIDS gera grande impacto na qualidade de vida e saúde das pessoas portadoras da infecção/doença.”. É válido ressaltar que a qualidade de vida sofre a influência de vários aspectos, como o

psicológico e/ou emocional. Em relação ao avanço na terapia antirretroviral, outro fator que impacta na qualidade de vida das PVHA, a autora acima destaca que “O advento da terapia teve repercussões satisfatórias devido à significativa diminuição na morbidade e na mortalidade por aids, com expressiva melhoria na qualidade de vida.” (Idem, p. 27).

Guimarães et al (2017, p. 189) afirmam, em seu estudo, que “A não testagem precoce leva ao desconhecimento da positividade e, conseqüentemente, à não busca por tratamento. Tem sido revelador o diagnóstico tardio do HIV no Brasil.”, o que acarreta sérias complicações para a saúde das PVHA, bem como o comprometimento de sua qualidade de vida. Os autores seguem, então, dizendo que

Fatores como baixa percepção de risco, barreiras ao cuidado à saúde, baixa disponibilidade de testes, estigma e preconceito corroboram para a piora dessa situação. Outro fator de grande importância que potencialmente contribui para a mortalidade é a baixa adesão à TARV entre aqueles em acompanhamento nos serviços de referência. (Idem, 2017, p. 189).

Natividade e Camargo (2011) buscaram identificar a relação entre os simbolismos atribuídos a elementos descritores das representações sociais sobre a AIDS, o conhecimento científico e as suas fontes de informações. Num primeiro momento, iniciam dizendo que “As representações sociais estabelecem relações de simbolização (substituindo o objeto) e de interpretação (conferindo-lhe significações) entre sujeito e objeto” (NATIVIDADE & CAMARGO, 2011, p. 166). Depois, afirmam que

Essas representações fornecem elementos de caracterização de como grupos de pessoas pensam e agem diante da AIDS. Nesse processo, destaca-se o papel da ciência como fornecedora de conhecimento; e das representações sociais como denotativa do conhecimento que as pessoas compartilham sobre a AIDS. (Idem, 2011, p. 166)

Segundo Oliveira (2004),

O processo de representar apresentava uma seqüência lógica: tornar familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo então denominado amarração – “amarrar um barco a um porto seguro”, conceito que logo evoluiu para sua congênere “ancoragem” –, e objetivação, processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar (Idem, 2004, p. 181).

Diante disso, o objetivo deste estudo é analisar as Representações Sociais que estudantes universitários têm acerca do HIV, bem como identificar seus conhecimentos e percepções sobre questões que se relacionam direta ou indiretamente com o vírus, como comportamentos de risco, formas de transmissão, tratamento, etc. Aspectos de cunho mais social, como as consequências que o vírus pode ter na vida das pessoas que vivem com o HIV/AIDS, suas principais dificuldades, as consequências que o preconceito pode acarretar na vida dessas pessoas, dentre outros, também foram investigados.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, foram cumpridas todas as exigências éticas pautadas pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012). Ressalta-se ainda que o estudo em questão foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da UFBA, sob a identificação nº. 2.349.850. Todos os estudantes que participaram desta pesquisa o fizeram de forma espontânea, assim como também receberam uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ficando a outra via do Termo em posse do grupo de pesquisa, sob a guarda durante o prazo de cinco anos. Os participantes foram orientados sobre as contribuições esperadas da pesquisa, bem como sobre a garantia da segurança e anonimato da identidade dos participantes.

Esta é uma pesquisa quanti-qualitativa, que utiliza o suporte da Teoria das Representações Sociais. Foi realizada com 120 estudantes participantes do Projeto de Extensão Universitário AIDS: Educar para Desmitificar, vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Para a coleta de dados, foram utilizados questionários, entrevistas semiestruturadas e o TALP (Teste de associação Livre de Palavras). Esse teste se fundamenta em uma Técnica Projetiva, que foi utilizada na psicologia clínica, e que vem sendo utilizada em pesquisas sobre Representações Sociais, com o intuito de se estudar a sua estrutura (COUTINHO & BÚ, 2017).

Num primeiro momento, 120 estudantes, que participaram do projeto de extensão universitária AIDS: Educar para Desmitificar, responderam o TALP. A aplicação desse instrumento se deu no decorrer dos encontros, em sala de aula do Pavilhão de aula da Federação III, onde todos os participantes também responderam um

questionário com o intuito de se obter mais informações sobre o perfil dos entrevistados. A aplicação do TALP foi realizada de forma coletiva, com o termo indutor HIV. Foi pedido aos estudantes que indicassem cinco palavras que lhes viessem à cabeça a partir desse estímulo. Após isso, pediu-se que hierarquizassem essas evocações de forma decrescente, sendo a palavra 1 a que mais representasse o HIV, e assim sucessivamente, até a 5ª palavra, que seria a evocação que apresentaria menor relação com o termo indutor. Para finalizar, foi pedido para que justificassem a escolha da palavra elegida como a mais importante.

Num segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes do projeto de extensão. A chamada para as entrevistas se deu de forma incisiva, tanto presencialmente, através do convite para os estudantes que responderam o TALP, quanto através dos meios eletrônicos, com o envio de emails para os endereços eletrônicos dos participantes. Ao total, foram contatados mais de 100 estudantes, sendo realizadas 10 entrevistas até o findar do prazo estabelecido para a coleta de dados.

As entrevistas foram realizadas em ambiente privado, em uma sala previamente reservada. A duração média das entrevistas foi de 25 minutos, sem contar o tempo de conversa prévia de aproximadamente 30 minutos com cada entrevistado, cujo objetivo foi propiciar maior conforto e proximidade com os mesmos. De forma a garantir o caráter sigiloso das entrevistas, visto que algumas perguntas seriam pessoais, apenas foi perguntado para os participantes como eles se autorreferiam, a idade e o curso de graduação.

Em relação à análise de dados, os TALP foram identificados de 1 a 120, de forma aleatória. De forma a se aprender o perfil dos participantes desta pesquisa, foram feitas algumas perguntas sobre aspectos sociodemográficos, porém de modo a que não se fosse possível identificar os participantes. Os termos evocados pelos estudantes foram então transcritos de forma literal, para posteriormente processo de lematização, através do qual termos sinônimos foram agrupados, para facilitar a análise da frequência dos elementos.

Os dados foram, então, processados pelo software 'Interface de R pour Les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires' (IRAMUTEQ), que possibilitou a criação da Árvore Máxima de Similitude e da Nuvem de Palavras. Também foi

realizado outro processamento de dados para a criação do Quadro de Quatro casas, com o intuito de confirmar a estrutura representacional do HIV para os estudantes. O *software* escolhido para esse processamento foi o EVOC, que identificou as co-ocorrências e conexidades dos termos evocados pelos estudantes, através das respostas do TALP. Por último, as justificativas escolhidas pelos estudantes foram transcritas e analisadas de forma a auxiliar na confirmação da significância dos elementos tidos como mais importantes.

Em relação às entrevistas semiestruturadas, utilizadas por possibilitar maior profundidade na exploração das RS dos participantes sobre o HIV, adotou-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2001), que se mostrou fundamental para a análise das falas dos participantes. Num primeiro momento, essas falas foram transcritas de forma literal, formando assim o corpus textual. Em seguida, foi feita a lematização. O programa escolhido para essa análise lexicográfica foi o IRAMUTEQ, por se tratar de um programa bastante usado nas pesquisas sobre RS. Antes que se realizasse esse processamento, o corpus teve que ser tratado e algumas expressões, gírias, siglas e palavras compostas tiveram que ser modificadas. Após o auxílio do processamento de dados e de repetitivas leituras das entrevistas, foram então criadas 5 categorias, relacionadas com os objetivos desta pesquisa.

Esta dissertação foi estruturada em formato de dois artigos, sendo o primeiro com enfoque na análise da estrutura das representações sociais dos estudantes sobre o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), e o segundo sobre as RS propriamente ditas destes estudantes sobre o vírus. Após esses dois artigos, uma conclusão geral refletirá sobre as representações sociais dos estudantes acerca do HIV, considerando o corpus como um todo.

O Ministério da Saúde (Brasil, 2018) mostrou que a maior parte dos casos de AIDS notificados está concentrada - em ambos os sexos - na faixa etária de 25 a 39 anos. O que chama atenção é a diferença na proporção dos casos entre homens e mulheres. No ano de 2007 essa proporção era de 13 casos em homens para 10 casos em mulheres; já em 2017, passa para 34 casos em homens para os mesmos 10 casos em mulheres (Idem, 2018). Esse é um dado no mínimo preocupante, quando associado com o Relatório do Perfil Socioeconômico e Cultural dos

estudantes de graduação das Universidades Federais Brasileiras, realizado pela ANDIFES (2016), que revela:

“Ao analisar os totais por linhas, pode-se notar que, independente da região de localização da IFES de graduação, a maioria dos graduandos se encontra na faixa etária “De 18 a 24 anos” (em média 66,28%). Em seguida, a maior frequência de graduandos se dá na faixa etária “25 anos e mais” (em média 33,14%).” (ANDIFES, 2016, p. 12).

Além desse aumento de casos de AIDS na idade média comum a dos universitários, outro fator também deve ser levado em consideração, que é a desproporção nas taxas de detecção do HIV segundo a localidade. O boletim nos mostra que, ao contrário do que acontece em outros 10 estados brasileiros, as taxas de detecção do HIV/AIDS no estado da Bahia apresentam tendência de aumento, com 11% a mais no ano de 2017, quando comparado com 2007 (BRASIL, 2018). Tais aspectos tornam necessários estudos sobre a temática em nosso estado, principalmente na faixa etária mais afetada pelo HIV.

Tendo isso em mente, espera-se que este estudo contribua de alguma forma para uma mudança nesse cenário, uma vez que ele possibilitará a identificação de como os estudantes representam, e até mesmo se relacionam, com o HIV. Além de demonstrar como se organiza a estruturação dessa representação, investigou-se quais os principais aspectos que, na visão dos estudantes, relacionam-se direta ou indiretamente com o vírus, bem como o modo como eles entendem as formas de transmissão do vírus, como percebem as PVHA, etc. Com isso, espera-se colaborar para a elaboração de políticas de intervenção mais eficientes, focadas na proteção desses estudantes, através de atuações mais voltadas para a prevenção da contaminação e a promoção da saúde.

Além disso, o contexto apresentado torna indispensável a promoção de ações e/ou ambientes que possibilitem a discussão e difusão de conhecimento para esses estudantes, que trate sobre aspectos relacionados com a temática, como as formas de combate da epidemia, bem como as formas de prevenção ao vírus e promoção à saúde. Espera-se, assim, possibilitar reflexões sobre a importância de práticas sexuais com proteção, assim como contribuir para a desconstrução de preconceitos que ainda permeiam atitudes e crenças relacionadas ao HIV/AIDS, intrínsecas à nossa sociedade.

2. ARTIGOS

Nesta parte serão apresentados os dois artigos que compõem esta dissertação, frutos do trabalho desenvolvido com os estudantes participantes da extensão universitária AIDS: Educar para Desmitificar. O primeiro artigo intitula-se 'Abordagem estrutural das Representações Sociais de universitários acerca do HIV' e o segundo, 'As Representações Sociais de universitários acerca do HIV'.

2.1 ARTIGO 1

ABORDAGEM ESTRUTURAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS ACERCA DO HIV

Juan Felipy Felix de Oliveira¹; Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²; Jorge Luiz
Lordêlo de Sales Ribeiro³

¹*Bacharel em Saúde (UFBA), Graduando em Odontologia (UFBA), Mestrando no Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU/UFBA) -
juan_felipy@hotmail.com*

²*Professora associada do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (IHAC/UFBA) -
thereza.ihac@gmail.com*

³*Professor associado do Instituto de Psicologia (IPS/UFBA) e do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (IHAC/UFBA) - jorgeluizdesales@gmail.com*

Resumo

O HIV é o Vírus da Imunodeficiência Humana, que apresenta relação direta com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Para compreendermos sua progressão ao longo do tempo, precisamos considerar o contexto no qual ele se insere, além das tendências de vulnerabilidade, pauperização e interiorização dessa síndrome. Aspectos como informação, estudo e condição socioeconômica, por exemplo, podem influenciar diretamente as suas representações. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é identificar a estrutura das representações sociais acerca do HIV entre estudantes universitários participantes do projeto de extensão AIDS: Educar para Desmitificar. Participaram deste estudo 120 estudantes universitários, dos quais 77 se identificaram como mulheres e 43 se identificaram como homens.

Todos os participantes responderam ao TALP (Teste de Associação Livre de Palavras). Os dados foram analisados utilizando-se o referencial da Teoria das Representações Sociais, de Moscovici. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A análise dos resultados nos possibilitou detectar que os elementos 'vírus', 'AIDS' e principalmente 'doença' indicaram tendência à centralidade, pela forma com que foram referidos pelos estudantes, sendo essa estrutura posteriormente confirmada pela Árvore de Similitude. Também houve associação do HIV com o elemento 'preconceito', que compôs o primeiro elemento da 1ª Periferia. Forte também foi a importância que os participantes deram para a prevenção da contaminação pelo vírus, bem como o incentivo ao sexo seguro e a disseminação de conhecimento sobre a temática. Partindo do pressuposto de que tais representações refletem aspectos educacionais, religiosos e subjetivos, dentre outros, e que elas poderão integrar as práticas de futuros profissionais, conhece-las se mostra de grande importância para a sociedade.

Palavras-chave: HIV; associação livre; estudantes; universidades; saúde.

Abstract

HIV is the Human Immunodeficiency Virus, which is directly related to the Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS). To understand its progression over time, we need to consider its context, as well as the tendencies of vulnerability, pauperization and interiorization of these syndrome. Aspects such as information, study and socioeconomic condition, for example, can directly influence their representations. Therefore, the objective of this work is to identify the structure of social representations about HIV among university students, participants of an University Extension Project named "AIDS: Educating to demystify". 120 university students participated in this study, of which 77 identified themselves as women and 43 identified themselves as men. All participants responded to the Word Free Association Test. The data were analyzed according to Theory of Social Representations, by Moscovici. The study was approved by the Research Ethics Committee of the Nursing School of the Federal University of Bahia (UFBA), and the

participants signed a Free and Informed Term of Consent. Student responses enabled us to detect that elements 'virus', 'AIDS' and especially 'disease' indicated tendency to centrality, by the way they were referred, being these structure confirmed later by the Maximum Tree of Similitude. There was also an association between HIV and 'prejudice', which composes the first element of the 1st periphery. Strong was the importance that the participants gave to the prevention of virus contamination, as well as the encouragement to safe sex and the dissemination of knowledge about this subject. Based on the assumption that these representations reflect educational, religious and subjective aspects, among others, and they may integrate practices of future professionals, knowing these representations is of great importance for society.

Keywords: HIV; free association; students; universities; health.

Introdução

O HIV/AIDS é uma epidemia de múltiplas dimensões, que vem, desde o seu surgimento, sofrendo (e causando) transformações significativas nos campos epidemiológicos, geopolíticos e, principalmente, sociais (PEREZ-PEREZ, MORON-MARCHENA & COBOS-SANCHIZ, 2015). Para compreendermos sua progressão ao longo do tempo, precisamos levar sempre em consideração o contexto em que a síndrome se insere. Como afirmam Gomes et al. (2011, p. 4), "(...) é preciso considerar as transformações dessa epidemia em seu contexto histórico, (...), as tendências de vulnerabilidade da doença e, também, aos significados construídos para enfrentar essa realidade".

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) consiste em uma disfunção autoimune, que atua no nosso sistema de defesa. A AIDS tem relação direta com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e é compreendida como um estágio mais avançado dos efeitos colaterais ocasionados pela evolução do vírus no organismo hospedeiro. (BRASIL, 2014).

A história nos mostra que a doença não abrangeu todos da mesma maneira. Este fato é explicado por Pinto et al. (2007), ao afirmarem que o ‘descaso’ das autoridades governamentais, no início da década de 1980, fez com que as comunidades mais afetadas (em especial a comunidade homossexual) se organizassem em busca de respostas. Porém, mesmo com todo o esforço da comunidade civil, foi apenas em 1986 que a AIDS foi integrada ao sistema de notificação compulsória (SILVA, 2014).

Com o passar do tempo, a disseminação de informações com maiores fundamentações teóricas acerca da síndrome possibilitou a quebra de alguns paradigmas. Se, em dado momento, a população percebia a AIDS como um ‘castigo divino’ para as pessoas promíscuas, num momento posterior a sociedade civil começou a ter um papel fundamental, na medida em que passou a exercer “[...] importante função na formulação das políticas públicas com relação à AIDS” (PINTO et al., 2007, p. 49).

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2014) recomenda considerar a ideia de ‘comportamento de risco’, quando pensamos nas formas de transmissão ou prevenção do vírus, uma vez que as infecções se disseminaram de modo que se podem encontrar pessoas com sorologia positiva para o HIV em todos os níveis socioedemográficos da sociedade. De acordo com a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA, 2016, p. 21), “análises preliminares apontam que novas gerações estão iniciando a prática sexual mais cedo, tendo um maior número de parceiros sexuais e utilizando com menor frequência o preservativo em relações não estáveis”, sendo estes fatores citados pelo Ministério da saúde (BRASIL, 2014) como ‘comportamentos de risco’ para a contração do HIV, especialmente a não utilização do preservativo na prática sexual.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS, do Ministério da Saúde, de 1980 a junho de 2017 foram identificados 882.810 casos de HIV/AIDS no Brasil, registrando uma média anual de 40 mil casos, nos últimos cinco anos. Quanto às regiões brasileiras, a distribuição de casos não se dá de maneira uniforme; ao longo dos anos, a região Nordeste vem apresentando um aumento linear na detecção de novos casos de HIV/AIDS, registrando uma média de 8,8 mil casos por ano, com um

aumento de 35,7% quando comparado com o ano de 2006, sendo considerado significativo o impacto da epidemia (BRASIL, 2017).

Ainda de acordo com o Boletim, percebe-se um declínio gradativo nas taxas de detecção do HIV a nível nacional, apresentando uma queda de 5,1% num período de 10 anos, passando de 19,9 casos/100 mil habitantes em 2006 para 18,5 casos/100 mil habitantes em 2016. Porém, ao analisamos o estado da Bahia, nele ocorreu uma inversão dessa realidade, com um aumento de 25,3% de detecção no mesmo espaço de tempo.

A cidade de Salvador aparece no Boletim como a 13ª capital com maiores índices de detecção do HIV/AIDS, passando de 22,2 casos/100.000 habitantes em 2005, para 27,2 casos/100.000 habitantes em 2016. Já ao analisarmos o coeficiente de mortalidade pela AIDS, Salvador desce para a 16ª posição em relação às outras capitais brasileiras, com índice de 7,2 casos/100.000 habitantes, relativamente distante dos 11,7 casos/100.000 habitantes do primeiro colocado, Porto Velho.

Por se tratar de uma cidade litorânea, Salvador acaba sendo bastante turística, com um grande fluxo de pessoas e, como consequência, uma cidade noturna e boêmia, conhecida mundialmente como a terra do Carnaval. Muitos são os estudos que fazem relações entre o consumo de álcool como fator de risco para a transmissão do HIV. Cardoso et al (2008, p. 73) afirmam, em seu estudo, que “o uso de álcool associado ao comportamento sexual mostra ser um fator de risco para disseminação das DSTs/HIV/AIDS”, devendo-se isto ao fato de que, “quando o sexo é praticado sob efeito de álcool, as pessoas tendem a ter múltiplos parceiros e a não utilizar preservativo”, sendo ambas as atitudes caracterizadas como ‘comportamentos de risco’. Em trabalho que estudou o comportamento de adolescentes, percebeu-se que “O uso de bebidas alcoólicas também contribui para a diminuição do uso de preservativo, aumentando assim os riscos de DST/AIDS” (GIACOMOZZI et al, 2012, p. 615).

Em Ondina está situado o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS), na Universidade Federal da Bahia. Cada vez se mostra maior a procura e concorrência para o ingresso nos cursos dos Bacharelados Interdisciplinares, que surgem como uma proposta inovadora, quando comparada aos cursos ditos ‘tradicionais’.

Em seu Projeto Pedagógico, o BIS (UFBA, 2010, p.6) é apresentado como

[...] uma modalidade de curso de graduação que se caracteriza por agregar uma formação geral humanística, científica e artística ao aprofundamento num dado campo do saber, promovendo o desenvolvimento de competências e habilidades que conferem autonomia para a aprendizagem ao longo da vida, bem como uma inserção mais plena na vida social, em todas as suas dimensões.

A proposta dos Bacharelados Interdisciplinares da UFBA surge como uma alternativa às formas tradicionais de graduação nas universidades brasileiras, buscando uma reestruturação do ensino de graduação, através da implantação do regime de ciclos (TEIXEIRA, COELHO & ROCHA, 2013). De maneira geral, os Bacharelados Interdisciplinares almejam “[...] reunir numa única modalidade de curso de graduação um conjunto de características que vêm sendo requeridas pelo mundo do trabalho e pela sociedade” (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 270).

Especificamente em relação ao BI em Saúde, uma das principais diretrizes do curso é o ensino dos princípios do SUS, além da complexidade e integralidade do processo saúde/doença, bem como a preocupação com a humanização do cuidado a ser prestado pelo futuro profissional de saúde, possibilitando, assim, além do domínio dos saberes técnicos, a construção de pessoas preparadas para lidar com as mais diversas particularidades dos sujeitos (ALMEIDA FILHO, 2007).

É nesse contexto que o projeto de extensão universitária AIDS: Educar para Desmitificar costuma atuar, uma vez que a maior parte do universo de participantes do projeto é composta de estudantes dos BIs, em especial do de Saúde. O Projeto surgiu com o intuito de possibilitar um espaço de diálogo entre os estudantes, um lugar onde haja discussões acerca das questões ligadas direta ou indiretamente ao HIV/AIDS.

No ano de 2018 o projeto completou 10 anos desde a sua criação, tempo em que levou discussões e conhecimentos tanto para os alunos da UFBA, quanto para os de outras Instituições Universitárias, bem como outras instituições fora dos muros acadêmicos. Alguns encontros aconteceram no Complexo Penitenciário de Salvador, no Instituto Federal da Bahia (IFBA), na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em colégios de ensino médio, etc. O projeto de extensão tem

também possibilitado o desenvolvimento de diversas pesquisas, artigos acadêmicos e apresentações em congressos nacionais e internacionais.

Levando os aspectos acima em consideração, bem como o crescente número de infecções entre adolescentes (15 a 19 anos) (BRASIL, 2017), este estudo busca investigar as Representações Sociais acerca do HIV, entre estudantes participantes do referido projeto de extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA). De acordo com Bousfield e Camargo (2011, p. 32), "A pandemia da AIDS tem gerado inúmeros questionamentos, daí a importância de disponibilizar à população os conhecimentos gerados e acumulados pela ciência, de modo a que esta cumpra seu papel social, oportunizando benefícios à população". Logo, parte-se do pressuposto de que tais representações refletem aspectos educacionais, religiosos e subjetivos, dentre outros, e que elas poderão integrar as práticas dos futuros profissionais.

As Representações Sociais acerca do HIV

O HIV/AIDS se caracteriza como uma doença relativamente recente e muitos são os campos de conhecimento que a estudam, direta ou indiretamente, como o da saúde coletiva, psicologia, direito, microbiologia, farmacologia, etc. Dentre os seus mais diversos aspectos, também se mostra de exímia importância o estudo das suas Representações Sociais. De acordo com Barbará et al. (2005, p. 333), "o conceito de atitudes e a teoria das representações sociais têm sido muito utilizados para explicar a complexa problemática da AIDS". Os referidos autores afirmam ainda que a caracterização inicial dessa síndrome era embasada por estereótipos de morte, pelo contágio e pelo sexo, ressaltando que "a falta de informação e a incerteza da ciência favoreceram o surgimento de tais representações que circulavam entre as pessoas e/ou corriam de um veículo de comunicação a outro" (BARBARÁ et. al, 2005, p. 333).

Segundo Oltramari (2003, p. 9), "Podemos perceber que as representações sobre a AIDS irão estar em consonância com os conhecimentos que cada grupo elabora através das relações sociais e de comunicação, os quais são elaborados historicamente através de objetos simbólicos", ou seja, a forma pela qual um sujeito (ou grupo) irá representar a AIDS sofre a influência de fatores do cotidiano. Essas representações são marcadas pelo dinamismo, de modo a que poderão sofrer transformações ou mudanças ao longo do tempo.

Tal perspectiva foi desenvolvida pelo psicólogo social francês Serge Moscovici, considerado o pai da Teoria das Representações Sociais (RS). Para ele, a RS é uma construção da realidade que o sujeito faz do mundo e que utiliza para buscar compreendê-lo e comunicar-se. Carvalho e Arruda (2008, p. 453) complementam essa visão ao dizer que “As representações sociais expressam a tensão constante do cotidiano e suas demandas históricas”.

O psicólogo social francês Jean-Claude Abric (1994) buscou estudar como se estrutura uma representação e como o comportamento a influencia, através da sua teoria do Núcleo Central. Para ele, “A organização de uma representação apresenta uma modalidade particular, específica: não somente os elementos hierarquizados, mas toda a representação está organizada em torno de um núcleo central constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação sua significação” (ABRIC, 1994, p. 19).

Segundo Sá (1996), o Núcleo Central constituiria a homogeneidade do grupo social, reflexo de condições sociohistóricas e valores, sendo estável e conferindo o aspecto das representações resistirem às mudanças. Por outro lado, o Sistema Periférico abrangeria o caráter flexível das representações, marcado pelos valores individuais dos sujeitos; as experiências e características pessoais protegeriam o sistema central.

Os estudos acerca do HIV/AIDS, sem sombra de dúvidas, se constituem como de grande significância para a sociedade, carregados por questões socioculturais, correspondendo a um dos primeiros e principais temas analisado segundo a perspectiva das Representações Sociais. Dito isso, vários são os estudos que buscam identificar as representações de sujeitos, ou grupos, sobre essa síndrome.

Uma das primeiras representações acerca do HIV/AIDS, nos primeiros anos de surgimento dos casos, esteve associada à 'seletividade' que a doença apresentava, consequência da errônea percepção de que apenas grupos específicos poderiam ser contaminados com o HIV, levando à estigmatização de pessoas homossexuais, hemofílicos, haitianos, profissionais do sexo e usuários de drogas injetáveis, os chamados 'grupos de risco' (COELHO; SANTOS; ALMEIDA, 2016). Assemelhado a isso, a associação de características como magreza e doenças oportunistas, na memória coletiva da população, contribuiu para a ancoragem de construções

simbólicas associadas com a morte, medo, vergonha e condenação (OLIVEIRA, 2013).

Mais tarde, as pressões exercidas pelos movimentos sociais, após a constatação do número crescente de casos em pessoas que não faziam parte desses segmentos, fizeram com que as questões relacionadas ao HIV/AIDS começassem a ganhar mais espaço na sociedade.

O estudo de Oliveira (2013) buscou identificar como se dão a construção e transformação dessas representações, assim como suas consequências e implicações para os cuidados da saúde. De acordo com a autora (p. 2), “Desde os seus primórdios, a síndrome apresentou-se como objeto representacional sensível, ou seja, fortemente marcado por normas sociais e valores morais”. Ao longo do tempo, ela evoluiu e passou pelo processo de interiorização, deixando de se concentrar nos grandes centros e se difundindo nos interiores, bem como pelo processo de pauperização, não se concentrando apenas nas classes médias ou altas, atingindo as classes mais populares. Assim, difundiu-se em todos os estratos da sociedade, não se limitando apenas aos grupos ditos vulneráveis, mas também se presentificando em crianças, idosos, heterossexuais, dentre outros grupos tidos (erroneamente) como ‘seguros’.

Em estudo que buscou compreender as RS acerca do HIV/AIDS na atualidade, comparando-as com as de 30 anos atrás, percebeu-se que, “Apesar dos avanços tecnológicos alcançados atualmente no tratamento do HIV/AIDS, como a introdução da terapia antirretroviral, a relação da AIDS com a morte iminente ainda é sustentada no imaginário das pessoas” (FURTADO et al, 2016, p. 78). Um dos principais problemas que persiste continua sendo, assim, de ordem psicossocial. Segundo Barbará et al (2005, p.332), "o sofrimento social, causado pelo olhar excludente dirigido ao doente, em muitas ocasiões, pode ser ainda mais devastador". É perceptível o fato de que a síndrome vem sofrendo transformações até os dias atuais, seja tanto no aumento da expectativa de vida das Pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA), quanto na possibilidade delas terem filhos, parceiros e manterem uma vida conforme a “normalidade”. Quanto ao sofrimento gerado pelo preconceito em suas famílias, no trabalho ou mesmo em hospitais, isto reflete

aspectos da subjetividade de cada indivíduo e, muitas vezes, a falta de conhecimento enraizada até hoje na população.

No estudo de Bezerra et al (2015, p.90) com adolescentes, acerca da relação sexual e uso do preservativo observou-se que “(...) as representações sociais se configuram como potentes fatores na vulnerabilidade às DST/HIV/AIDS, já que alguns conhecimentos de senso comum podem alterar atitudes de prevenção”, sendo que a identificação dessas representações seria útil no sentido de possibilitar uma abordagem de assuntos relacionados à mesma, de maneira mais clara: “(...) a identificação de vulnerabilidades é facilitada ao profissional, permitindo-lhe trabalhá-las conforme o universo criado pelo jovem ou adolescente, na intenção de desmistificar algumas representações sociais e educar para a saúde”.

Nessa perspectiva, este estudo busca identificar a estrutura das representações sociais acerca do HIV, já que tal conhecimento se mostra essencial para os avanços de políticas de enfrentamento da síndrome e redução de seus danos.

Metodologia

O presente estudo foi elaborado utilizando o aporte teórico-metodológico da Teoria das Representações Sociais, numa abordagem qualitativa, tratando-se, portanto, de um estudo descritivo e analítico. Os dados foram coletados durante as atividades da extensão universitária ‘AIDS - Educar para Desmitificar’, no decorrer dos anos de 2017 e 2018, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da UFBA. Nessas atividades há uma presença descontínua dos estudantes, de modo que o/a estudante que tenha participado do primeiro encontro pode não vir no segundo, mas comparecer ao quinto, por exemplo. Isso implica a presença contínua de estudantes novos nas atividades.

Participaram deste estudo 120 estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares (BI), da Universidade Federal da Bahia. Nesta pesquisa, estabeleceram-se como critérios de inclusão os participantes estarem regularmente matriculados nos BIs, terem idade igual ou superior a 18 anos e participarem da atividade de extensão. O critério de exclusão consistiu em ter idade inferior a 18 anos. Os alunos que se enquadraram nos critérios e aceitaram participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após a apresentação dos objetivos da

mesma. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da UFBA, sob o nº. 741.187, respeitando os dispositivos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados um questionário com questões contendo dados sociodemográficos e o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). O TALP, originalmente desenvolvido por Carl Gustav Jung, em 1905, para uso na prática clínica, tem como intuito realizar diagnóstico psicológico e apreender informações sobre a estrutura psicológica do sujeito (NÓBREGA; COUTINHO, 2003). O instrumento foi posteriormente adaptado no campo da psicologia social por Di Giácomo, em 1981, e desde então tem sido amplamente utilizado em pesquisas de Representações Sociais (ABRIC, 2000).

A aplicação do TALP consistiu em solicitar aos estudantes que, levando em consideração o termo indutor HIV, atribuíssem até cinco palavras que julgassem pertinentes a este termo. Em seguida, foi solicitado que hierarquizassem as palavras evocadas em ordem de relevância, sendo a 1ª a mais importante e assim sucessivamente. Na terceira etapa, solicitou-se que atribuíssem a cada palavra uma conotação ou sentido, seguindo a lógica de positivo (+), negativo (-) ou neutro (0). Por último, pediu-se que justificassem o porquê da palavra escolhida ser a mais importante. Os estudantes participantes responderam às perguntas citadas de forma espontânea e não identificável.

Os dados coletados foram analisados com base na Teoria das Representações Sociais. Para essa etapa, as palavras evocadas pelos estudantes foram transcritas no editor de planilhas Microsoft Office Excel® e passaram por um processo de categorização, sendo agrupadas as palavras de significância similares. Em seguida, deu-se o processo de lematização, possibilitando a junção das palavras com mesmo sentido, mas que foram escritas de maneiras diferentes pelos estudantes.

Na etapa de processamento dos dados, foi utilizado o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour Les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que realiza diferentes processamentos estatísticos como, por exemplo, a Árvore de Similitude, que organiza palavras em função da sua frequência e proximidade de evocação, graficamente visível, com o intuito de identificar as relações que as

palavras apresentam, indicando a forma pela qual o grupo atribui às mesmas significado, assim como a Nuvem de Palavras, que organiza visualmente as palavras de acordo com a frequência e conectividade que apresentam (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Posteriormente, foi utilizado o software EVOC, para a criação do 'quadro de quatro casas', que possibilita a identificação das co-ocorrências dos termos, através da análise frequencial entre as evocações, resultante da conexidade entre elas. As justificativas dadas pelos estudantes, para explicar o porquê das palavras escolhidas como as mais importantes, foram transcritas para o processador de texto Microsoft Word® e, posteriormente, analisadas de forma qualitativa, explorando o caráter subjetivo de cada conteúdo escrito pelos participantes.

Resultados e discussão

De acordo com os questionários, a maior parte dos participantes desta pesquisa se identificou como mulher, heterossexual, parda e cursando o primeiro semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Dos 120 participantes desta pesquisa, 77 se identificou como mulher, 73 se percebeu com orientação sexual heterossexual e 4 como bissexual. Em relação à cor, 41 pessoas se declararam pardas, 22 como brancas, 12 como pretas, 1 como amarela e 1 como indígena.

Em relação aos 43 participantes que se identificaram como homens, 27 alegaram ser heterossexuais, 6 como gays, 5 como bissexuais e 5 com alguma outra opção sexual. Uma maior parte dos homens (21 participantes) se declarou como parda, 10 como pretos, 8 como brancos, 3 como indígenas e 1 como amarelo. A grande maioria dos participantes (116 pessoas) eram estudantes do BI em Saúde, sendo que apenas 3 homens e 1 mulher cursavam o BI em Humanidades. Dos 120 participantes, 97 cursavam o 1º semestre quando participaram desta pesquisa.

O processamento dos dados possibilitou identificar que o termo HIV produziu, nos 120 estudantes participantes deste estudo, um total de 600 evocações, incluindo 94 expressões diferentes e 45 hápax (expressões citadas uma única vez). As palavras de maior frequência foram 'doença' (80), 'vírus' (54), 'preconceito' (40), 'sexo' (36), 'preservativo' (28), 'AIDS' (27), 'prevenção' (24), 'transmissão' (18) e 'tratamento' (18).

Quadro 1. Configuração estrutural da representação sobre o HIV: elementos centrais e periféricos, entre estudantes universitária(o)s, Salvador, Bahia, Brasil, 2018 (n=120).

| Elementos do núcleo central | | | Elementos da 1ª periferia | | |
|------------------------------------|------------|-------|---------------------------------------|------------|-------|
| Frequência ≥ 17 – OME $< 2,8$ | | | Frequência ≥ 17 - OME $\geq 2,8$ | | |
| Elemento | Frequência | OME | Elemento | Frequência | OME |
| Doença | 80 | 2,076 | Preconceito | 40 | 3,000 |
| Vírus | 54 | 2,481 | Sexo | 36 | 3,059 |
| AIDS | 27 | 2,120 | Preservativo | 28 | 3,556 |
| | | | Prevenção | 24 | 3,500 |
| | | | Transmissão | 18 | 3,278 |
| | | | Tratamento | 18 | 3,333 |
| Elementos da zona de contraste | | | Elementos da 2ª periferia | | |
| Frequência < 17 – OME $< 2,8$ | | | Frequência < 17 - OME $\geq 2,8$ | | |
| Elemento | Frequência | OME | Elemento | Frequência | OME |
| Sangue | 15 | 2,733 | Cuidado | 15 | 3,600 |
| Imunidade | 14 | 2,786 | Morte | 14 | 3,143 |
| Estigma | 13 | 2,769 | Remédios | 10 | 3,727 |
| Medo | 10 | 2,600 | | | |

Ferramenta utilizada: *Software EVOC*

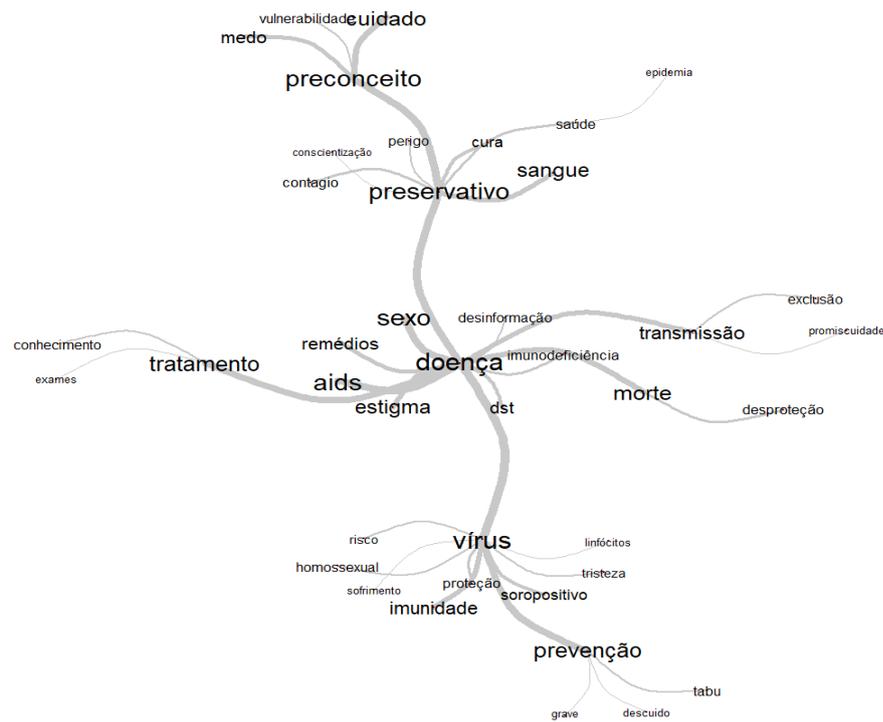
Ao analisarmos o quadro de quatro casas, temos que ter em mente que as palavras contidas no primeiro quadrante (superior esquerdo) apresentam tendência à centralidade, sendo os elementos mais estáveis e resistentes às mudanças, pelo fato de apresentarem alta frequência e menor ordem média de evocação, quando comparados aos outros quadrantes. Isso significa que as palavras 'doença', 'vírus' e 'AIDS' foram referidas pelos estudantes nas primeiras posições, evidenciando a forte associação entre o HIV e a ideia de doença. No quadrante com os elementos da primeira periferia (superior direito), os elementos apresentam alta frequência de repetitividade, porém são evocados mais tardiamente, o que é indicado pela ordem

média de evocação igual ou maior que 2,8, de modo que, embora a palavra se repita mais vezes, sempre aparece posteriormente. A palavra 'preconceito' apresenta certo destaque nesse quadrante e nele é perceptível a presença de elementos relacionados às ideias de transmissão, prevenção e tratamento, como 'sexo', 'preservativo', 'transmissão' e 'tratamento'.

No quadrante da zona de contraste (inferior esquerdo), encontram-se os elementos com frequência menor que 17 e ordem média de evocação alta, o que quer dizer que mesmo que as palavras 'sangue', 'imunidade', 'estigma' e 'medo' tenham sido prontamente evocadas, possuíram uma frequência menor. A estrutura e a organização do quadrante da segunda periferia (inferior direito), composto pelos elementos 'cuidado', 'morte' e 'remédios', apresenta termos que foram pouco evocados pelos participantes e que, quando evocados, apareceram nas últimas posições. Podemos dizer que esses elementos também refletem sentidos atribuídos ao HIV, estando ligados a algumas consequências possíveis do mesmo.

A análise de similitude tem grande utilização nos estudos de representações sociais, por possibilitar a identificação das coocorrências entre as palavras. Além disso, seu resultado traz indicações da conexidade entre as evocações, auxiliando na identificação da estrutura da representação. Em nosso estudo, a estrutura da árvore de similitude sublinha a centralidade da ideia de 'doença' no campo representacional em análise e demonstra forte relação entre esta e os elementos 'preservativo', 'sexo', 'vírus', 'AIDS', 'prevenção' e 'preconceito'. Todos esses elementos apareceram no Quadro de Quatro Casas, seja como elementos do núcleo central ou como elementos da 1ª periferia.

Figura 1. Análise de similitude das palavras evocadas pelos estudantes universitários a partir do estímulo indutor HIV. Salvador-Bahia, 2018 (n=120).



Ferramenta utilizada: *Software IRAMUTEQ*

Visualmente fica evidente, pelo tamanho, a proporção da diferença que as palavras mais evocadas pelo grupo apresentam, quando comparadas com as palavras de menor frequência, o que também se reflete nas justificativas dos participantes. De acordo com o estudante *FSC* (masculino, 18 anos), “Infelizmente, ao pensar na palavra ‘HIV’, a palavra ‘doença’ vem em seguida, por conta da falta de informação sobre o HIV/AIDS”.

Muitos foram os participantes que demonstraram domínio de conhecimento acerca do HIV, como o caso dos participantes *ACM* (masculino, 21 anos) e *RDJ* (masculino, 19 anos), que escolheram ‘vírus’ como palavra mais importante e responderam respectivamente: “Coloquei a palavra ‘vírus’, pois está relacionada, uma vez que sabemos que o HIV é o vírus da Imunodeficiência humana e ataca o nosso sistema imunológico” e “Pois é um retrovírus”.

Forte foi a associação do HIV com a palavra ‘preconceito’. *PV* (masculino, 19 anos) afirmou que “Uma pessoa pode viver com AIDS e se precaver para não passar o vírus para outras pessoas. Mas se tiver preconceito essas pessoas vão ser excluídas, isso é ruim”, o que é reforçado na fala de *FJNSJ* (masculino, 18 anos): “o

HIV possui uma carga negativa pesada, etimologicamente, devido ao preconceito criado acerca do vírus”. JDN (masculino, 19 anos) atribui causa a esse preconceito, afirmando que “Devido à falta de informação a respeito do tema e suas especificidades, muitas pessoas que sofrem essa mazela sofrem um grau exacerbado de preconceito”. Tanto para *MS* (feminino, 18 anos) quanto para *MSS* (feminino, 23 anos), ‘preconceito’ foi a principal palavra associada ao HIV. Essa associação é percebida por elas de forma diferente, no sentido em que dizem, respectivamente, que “A palavra preconceito é algo que define o que vem na cabeça quando pensamos em HIV/AIDS por essa doença trazer à tona inúmeros tabus e construções sociais e, conseqüentemente, preconceito por parte de algumas pessoas”, e que “Pensei em preconceito porque essa doença ainda é muito estereotipada, e sempre relacionada à promiscuidade e orientação sexual”.

Houve também associação entre a prática sexual e as formas de transmissão do vírus. De acordo com *NL* (feminino, 19 anos), “Sexo foi colocada como mais importante porque é um dos meios que há mais contaminação e muitos têm receio de se preservar”, o que também pode ser evidenciado na fala da participante *YM* (feminino, 22 anos), quando justifica sua escolha pela palavra ‘sexo’ como a mais importante, afirmando que isto se dá “porque é através da relação desprotegida que irá favorecer a transmissão do HIV”.

Outra situação observada nas falas dos estudantes é a relação entre a utilização do preservativo e as formas de prevenção do vírus. Segundo *ACLV* (feminino, 20 anos), “A camisinha é o método mais eficaz para a prevenção da aquisição da mesma (HIV)”. Já de acordo com a participante *LSV* (feminino, 18 anos), que escolheu a palavra ‘proteção’ como a mais relevante, “É a mais importante, pois por ser uma doença ainda sem cura é essencial toda proteção possível para evitá-la”.

A prevenção se mostra de tamanha importância para os participantes, que em suas justificativas a ressaltam como uma das principais medidas de controle à disseminação do HIV, o que pode ser notado, respectivamente, tanto na fala do *DAC* (masculino, 19 anos) quanto na do *R* (masculino, não informou a idade), ao afirmarem que “A prevenção é a melhor forma para evitar qualquer doença endêmica ou epidêmica que pode ser adquirida” e “A prevenção se constitui em uma das principais medidas para controle do HIV”.

A leitura da árvore máxima de similitude nos possibilita reafirmar os resultados encontrados no quadro de quatro casas. Dentro dessa perspectiva, os elementos do núcleo central e da primeira periferia apresentam grande relevância para a construção da representação dos estudantes.

De acordo com as respostas encontradas nesta pesquisa, podemos fazer algumas reflexões significativas. A primeira delas, e certamente a mais perceptível, é a forte associação que existe entre o HIV e a doença. A ideia de morte, presente na segunda periferia do quadro de quatro casas, pode ser explicada pelo fato dessas representações ainda carregarem resquícios das primeiras impressões sobre a epidemia e de nem todos os portadores realizarem tratamento de forma adequada.

Segundo o Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS (BRASIL, 2017, p. 16), “Desde o início da epidemia de AIDS (1980) até 31 de dezembro de 2016, foram notificados no Brasil 316.088 óbitos tendo o HIV/AIDS como causa básica”, sendo o Nordeste a terceira maior região a registrar óbitos, englobando 13% dos casos acontecidos no Brasil. Em outros estudos brasileiros, seja pela perspectiva da Teoria das Representações Sociais ou não, o mesmo resultado pode ser encontrado em relação à AIDS, através de sua associação com a doença e a morte (LOZANO GONZALEZ, TORRES LOPEZ & ARANDA BELTRAN, 2008; RODRIGUES et al, 2012).

Essa visão não é apenas presente no Brasil, como confirma o trabalho de Torres López et. al. (2010), que estudaram as concepções de adolescentes na Bolívia, Chile e México sobre o HIV/AIDS. Para os estudantes universitários chilenos, forte é a associação da AIDS com uma doença que traz a morte, pelo fato de até hoje não possuir uma cura, sendo esta contraída através das práticas sexuais desprotegidas, bem como através do uso de drogas intravenosas.

Apesar de os participantes terem evocado o termo doença com bastante frequência, há de se considerar que o HIV não é uma doença, mas sim o agente etiológico - causador - da síndrome que é a AIDS. Essa associação não necessariamente sinaliza conflitos dos participantes quanto aos significados do HIV e da AIDS, uma vez que o vírus e a síndrome possuem ampla relação de proximidade.

Leal e Coelho (2016, p. 10), em seu estudo com estudantes de psicologia do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), enfatizaram que

“(...) o fenômeno do HIV/AIDS tem um histórico de representações bastante diversificado e caracterizado por fortes investimentos afetivos, como preconceitos, medo, sofrimento, o que torna a temática tão rica quando analisada sob o enfoque das Representações Sociais (...)”.

Os estudantes participantes do projeto de extensão evocaram a ‘prevenção’ como uma das práticas mais importantes em relação ao enfrentamento da disseminação do vírus na sociedade, sendo uma destas práticas a utilização do preservativo durante as relações sexuais. Essa representação também é compartilhada no meio acadêmico, onde diversos autores reconhecem o sexo protegido como importante forma de conter a disseminação do HIV/DSTs (ARAGÃO, LOPES & BASTOS, 2011; BRASIL, 2017; CABALLERO BADILLO, CAMARGO FIGUERA & CASTRO, 2011; GARCIA ALUM et al, 2011).

Em uma pesquisa acerca das Representações Sociais de adolescentes e suas relações com a prática sexual e o uso do preservativo, percebeu-se que tanto o início da prática sexual quanto as representações compartilhadas acerca do uso do preservativo são influenciados por aspectos como as condições socioeconômicas, culturais, escolaridade, etc. (BEZERRA et al, 2015). Além disso, há certo consenso na literatura quanto à importância do uso do preservativo. Quando se trata de doenças transmitidas pela via sexual, o preservativo se constitui como uma das principais formas de prevenção (ANJOS et al., 2012; LEITE et al, 2007; MIRABAL NAPOLES et al, 2013; REIS et al., 2012).

Além desses elementos, Bezerra et al (2015, p. 89) também encontrou outros fatores de vulnerabilidade, que comprometem o uso do preservativo, especialmente para os homens: “no grupo masculino, pode-se observar uma representação social de que sexo sem camisinha é bom e gostoso, ou seja, oferece prazer e satisfação, mesmo que haja a associação com doença e gravidez”. Em seguida, a autora complementa dizendo que “tem-se ainda a representação de que sexo com camisinha não oferece prazer (sem-prazer) e é ruim ou desconfortável, mesmo sabendo que é compreendido como correto” (BEZERRA et al, 2015, p. 89).

Essas vulnerabilidades se mostram distintas para homens e mulheres. Anjos et al (2012, p. 830) encontraram em seu estudo que, “Para a mulher, a vulnerabilidade aumenta devido à falta de poder de negociação e controle sobre a relação; para o homem, aumenta devido à pressão social em estar sempre pronto para o sexo, assumindo um papel de descontrole sobre seus impulsos”. Fato similar é encontrado em estudo africano, onde o risco de infecção em mulheres é percebido como maior do que em homens, por conta da diferença de poder entre os gêneros e da submissão feminina (VAN STADEN & BADENHORST, 2009).

Além disso, é importante ressaltar a associação entre os modos de transmissão com as formas de prevenção e tratamento. Tais elementos foram muito associados ao HIV em nosso estudo e se encontram na primeira periferia do quadro de quatro casas (Quadro 1 acima). Uma vez que se entende o sexo como sendo a principal via de disseminação do vírus, e que a AIDS pode ser controlada, mas não curada, a prevenção deve consistir como elemento chave de combate ao HIV. Nessa perspectiva, algumas respostas foram além do uso do preservativo e trouxeram o grau de informação das pessoas como elemento relevante para a prevenção. Alguns participantes foram específicos, como *LAF* (feminino, 21 anos): “acredito que a educação sexual modifica e acrescenta na vida dos indivíduos de maneira positiva sobre este assunto, HIV, e outras doenças sexualmente transmissíveis”. Já *ESRR* (mulher, 18 anos) atribui que, de uma forma geral, “a informação da população é essencial para ajudar na precaução e nos cuidados para evitar que a doença seja transmitida”. Santos et al (2017, p. 2748) realizaram uma outra pesquisa em 2016, também com estudantes do BIS, acerca do conhecimento deles sobre as formas de contágio do HIV/AIDS e chegaram ao resultado de que, “quando analisadas as dez perguntas acerca das formas de contágio do vírus HIV/AIDS, a grande maioria dos estudantes universitários revelou um conhecimento elevado acerca da doença”. Ratifica-se, assim, a importância dada, pelos estudantes desse curso, ao conhecimento sobre a síndrome como fator que colabora para a prevenção.

O conhecimento, além de apresentar relação direta com as formas de prevenção, também é agente antagônico ao preconceito. Tamayo-Zuluaga et al. (2015, p. 11) fazem essa discussão no seu trabalho, quando dizem que “el resultado de la falta de conocimiento sobre la enfermedad, creencias, miedos y temor al contagio tienen como resultado la discriminación, además de derivar en el rechazo y la exclusión de

las personas afectadas”. Várias são as pesquisas (nacionais e internacionais) que trazem resultados similares a esse. De acordo com o estudo de Santos et al (2017, p. 2750), com estudantes do BIS da UFBA, “um menor conhecimento esteve significativamente associado a respostas negativas da proximidade” com as pessoas soropositivas, sugerindo que um maior debate sobre este tema com os jovens pode contribuir para o combate ao preconceito.

Torres López et al. (2010, p. 9) também destacaram que a informação é uma ferramenta preventiva às infecções: “another conception concerned the ways of preventing HIV/AIDS, which were information and the use of protection during sexual relations”. Acredita-se que o grau de conhecimento apresenta íntima conexão com as condições sociais das pessoas, e que interfere na vulnerabilidade e discriminação dos indivíduos (SEIDL, RIBEIRO & GALINKIN, 2010), como assinalaram Tamayo-Zuluaga et al. (2015, p.13): “algunos estudios sugieren que las personas con altos grados de escolaridad tienen un mejor conocimiento sobre VIH/sida y son menos propensas a estigmatizar a quien espadece la enfermedad”.

Embora os aspectos fisiopatológicos sejam um dos fatores mais difíceis a serem enfrentados pelas pessoas soropositivas, o aspecto psicológico também nunca deve ser negligenciado. Uma confirmação disso é o fato da palavra ‘preconceito’ ter sido colocada como uma das principais representações pelos participantes. Oltramari (2003) apresenta tanto o preconceito quanto as normas sociais como fatores fundamentais para o campo da análise social, tratando-se de componentes essenciais para a compreensão das representações sociais.

Forte foi a colocação do preconceito como fator influenciável na qualidade de vida das PVHA. Também foi apresentada estreita relação dele com as formas de transmissão do vírus. Para GASA (feminino, 22 anos), o estigma “é um fator que acarreta diversas atitudes e práticas negativas que precisam ser modificadas, além de propiciar maior transmissão por indivíduos que não se consideram suscetíveis ao risco de adoecer”. Nesse sentido, Gomes et al. (2011, p. 5) afirmam que o "estigma é um termo usado em menção a um atributo profundamente depreciativo e pode, também, ser considerado defeito, fraqueza ou desvantagem". Outras associações também foram relacionadas a ele, como é perceptível na justificativa da participante identificada como MSS (feminino, 23 anos): “pensei em preconceito porque essa

doença ainda é muito estereotipada, e sempre relacionada à promiscuidade e orientação sexual”.

Para alguns participantes, esses estereótipos constituem-se numa realidade ainda existente, o que pode ser confirmado pelo fato de alguns estudantes, embora poucos (4), terem atribuído a expressão ‘homossexuais’ ao estímulo “HIV”. Santos et al. (2002, p. 292) relacionaram essa associação à grande quantidade de portadores do vírus entre homossexuais e bissexuais, no início da epidemia. Hoje em dia sabemos que essa não é mais a realidade do perfil epidemiológico brasileiro, em que há concentração de casos entre heterossexuais, tanto em homens quanto em mulheres (BRASIL, 2017). Reis et al. (2013, p.149) afirmaram que “(...) o risco de ser infectado com HIV/AIDS está relacionado com as diversas situações do dia a dia e não tem um grupo de risco associado (...)”. Entretanto, em outros estudos sobre tais RS entre jovens universitários, mexicanos e africanos, percebe-se que ainda há a associação direta entre homossexuais e HIV/AIDS, sendo essas representações majoritariamente feitas por mulheres, em ambos os trabalhos (BADENHORST, VAN STADEN & COETSEE, 2008; LOZANO GONZALEZ, TORRES LOPEZ & ARANDA BELTRAN, 2008).

Neste estudo, observa-se também que os estudantes reconhecem a importância de projetos e programas com foco no HIV/AIDS. De acordo com *JGLMP* (masculino, 18 anos), “as políticas de saúde são de fundamental importância para combater a transmissão do HIV. Além disso, o estímulo às pesquisas pode contribuir positivamente para o tratamento ou a cura”. Villarinho et al (2013, p. 276) ressaltam a importância desses projetos, assim como sua manutenção, quando diz: “Apesar dos inúmeros serviços de assistência à saúde às pessoas com HIV/AIDS e das políticas públicas de combate à AIDS representarem um nível de excelência (...), ainda apresentam grandes desafios em sua execução”.

Numa pesquisa cubana, que estudou o comportamento sexual de estudantes da área da saúde, concluiu-se que, além do incentivo ao uso do preservativo, também se deve preocupar com a educação sexual dos universitários e que “Los programas actuales de educación sexual deben combinar la pedagogía, para sensibilizar y aconsejar a los adolescentes (...)” (CORTES ALFARO, GARCIA ROCHE & OCHOA SOTO, 2015, p. 209).

Um dos resultados de nosso estudo aponta para a dinamicidade das representações sociais ao longo do tempo. Nele a palavra 'morte' se situa como elemento da segunda periferia, e não do núcleo central, o que indica uma mudança em relação às representações sobre o HIV/AIDS quando do surgimento da síndrome, conforme encontrado no estudo de Oliveira (2013). Uma das possíveis causas para esse fato é a provável ancoragem do HIV/AIDS nas doenças ditas crônicas, reflexo do aumento da qualidade de vida das PVHA associado com a diminuição das taxas de morbimortalidade.

É importante destacar que a ideia de morte continua muito presente na estrutura das representações sobre a AIDS de pessoas soropositivas, como revela o estudo de Bezerra et. al (2018), em que o elemento morte aparece na segunda posição do núcleo central. Fato similar é percebido em relação ao termo 'remédio', que em nosso estudo aparece na última posição da segunda periferia, enquanto que na pesquisa de Bezerra et. al (2018) ele constitui um elemento chave da primeira periferia. Tal aspecto parece apontar para uma diferença entre as representações de quem vive a portabilidade do vírus e as de quem o conhece, mas não tem a experiência de convivência com ele.

Considerações

O estudo das representações sociais sobre o HIV entre os estudantes que participam do projeto de extensão universitário "AIDS: Educar para Desmitificar" possibilitou identificar a forte associação deste vírus com a AIDS e a ideia de doença, bem como a significância que alguns elementos do cotidiano, como relações sexuais, interpessoais, formas de proteção e conhecimento, têm nas representações dos estudantes. Observa-se ainda que o preconceito aparece ligado tanto à falta de informação das pessoas, quanto a um obstáculo no tratamento das pessoas soropositivas.

Podemos perceber através das respostas que, embora a linha entre o HIV e a AIDS seja tênue para algumas pessoas, os estudantes conseguem fazer uma distinção satisfatória, demonstrando conhecimento acerca da temática. Outra situação observada é a percepção do preservativo como uma (se não a principal) forma de barreira para evitar a transmissão do vírus.

Vale salientar que a Teoria das Representações Sociais contempla a dinamicidade presente nas representações dos sujeitos, fato que pode ser confirmado ao analisarmos a menor frequência da associação entre o HIV e a morte, apresentada pelos estudantes. Porém ainda se percebe a presença de certa resistência simbólica ao HIV, objetivado no preconceito, no medo, no estigma e na morte.

Destaca-se que a informação, na perspectiva dos participantes desta pesquisa, configura-se como uma ferramenta importante de acesso às principais formas de prevenção à transmissão do HIV. Contudo, apenas a informação não se configura como suficiente para a adoção de comportamentos preventivos frente ao HIV, necessitando assim de articulação com outros elementos.

Vale ressaltar que este estudo se mostra de extrema relevância para a sociedade, uma vez que essas representações podem vir a constituir papel fundamental no enfrentamento da epidemia, no que concerne à construção de políticas que busquem estratégias para incentivar a prevenção e a continuidade do tratamento, por exemplo.

Não se deve menosprezar o fato de que a AIDS produziu forte temor na população em seus primeiros anos. Fortes ainda são as representações pautadas no preconceito e estigma. Levando isso em consideração, demonstra-se de vital importância difundir conhecimento na formação dos futuros profissionais, em especial aqueles que lidarão diretamente com pessoas portadoras do vírus. Caberá a esses profissionais possibilitar a atenção integral no tratamento. Desse modo, este trabalho ressalta a importância de projetos voltados para a temática do HIV, em especial atividades que possibilitem a discussão de assuntos importantes, como as formas de prevenção ao vírus, promoção da saúde e qualidade de vida das PVHA, além de questões relacionadas a gênero e sexualidade.

Referências Bibliográficas

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 27-38.

ABRIC, J-C. *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ALMEIDA FILHO, N. **Universidade nova: textos críticos e esperançosos**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.

ANJOS, Renata Holanda Dutra dos et al. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 829-837, Aug. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000400007&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000400007>.

ARAGAO, Júlio César Soares; LOPES, Claudia de Souza; BASTOS, Francisco Inácio. Comportamento sexual de estudantes de um curso de medicina do Rio de Janeiro. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 334-340, Sept. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022011000300006&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022011000300006>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS - ABIA. **Mito vs Realidade: Sobre a Resposta Brasileira à Epidemia de Hiv e Aids em 2016**. Rio de Janeiro: ABIA, 2016.

BADENHORST, G; VAN STADEN, A; E COETSEE, M.Ed. Student. HIV/AIDS risk factors among residence students at the University of the Free State. **Curatiosis**, Pretoria, v. 31, n. 3, p. 27-35, 2008. Available from <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-62792008000300004&lng=en&nrm=iso>. Access on 01 Oct. 2018.

BARBARÁ, A et al. Contribuições das representações sociais ao estudo da aids. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 331-339, 2005. Available on <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/4783/3670>>. Access on 23 Out. 2017.

BEZERRA, Elys Oliveira et al. Análise estrutural das representações sociais sobre a AIDS entre pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e6200015, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200321&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2018. Epub 28-Maio-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-070720180006200015>.

BEZERRA, E. O. et al. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 84-91, Mar. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000100084&lng=en&nrm=iso>. Access on 20 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.45639>.

BOUSFIELD, ANDRÉA BARBARÁ S.; CAMARGO, BRIGIDO VIZEU. Divulgación de los Conocimientos Científicos sobre el Sida y las Representaciones Sociales. **Act.Colom.Psicol.**, Bogotá, v. 14, n. 1, p. 31-45, June 2011. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552011000100004&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Available from

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Access on 10 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. **AIDS**. Brasília, DF, 28 Jan. 2014. Available from <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/286-aids/9049-o-que-e-aids>>. Access on 13 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico – Hiv e Aids**. Brasília, DF, 2017. Available from <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017>. Access on 15 set. 2018.

CABALLERO BADILLO, María Claudia; CAMARGO FIGUERA, Fabio Alberto; CASTRO, Belsy Zurany. Prácticas inadecuadas del uso del condón y factores asociados en estudiantes universitarios. **Rev. Univ. Ind. Santander. Salud**, Bucaramanga, v. 43, n. 3, p. 257-262, Dec. 2011. Available from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-08072011000300006&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Available from <http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>. Access on 10 out. 2017.

CARDOSO, L. et al. O consumo de álcool como fator de risco para a transmissão das DSTs/HIV/Aids. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 35, supl. 1, p. 70-75, 2008. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000700015&lng=en&nrm=iso. Access on 18 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000700015>.

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 445-456, Dec. 2008. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300003&lng=en&nrm=iso. Access on 24 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300003>.

COELHO, M. T. Á. D.; SANTOS, V. P.; ALMEIDA, G. K. S. O nível de informação de jovens universitárias do bacharelado interdisciplinar em saúde da UFBA acerca do HIV/AIDS. In: COELHO, M. T. Á. D.; TEIXEIRA, C. F. S. (Org.). **Interdisciplinaridade na educação superior: o bacharelado em saúde**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 149-157.

CORTES ALFARO, Alba; GARCIA ROCHE, René; OCHOA SOTO, Rosaida. Comportamiento sexual y uso del condón en estudiantes de la facultad de tecnología de la salud. **Rev Cubana Med Trop**, Ciudad de la Habana, v. 67, n. 2, agosto 2015. Disponible en http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0375-07602015000200007&lng=es&nrm=iso. Accedido en 30 sept. 2018.

FURTADO, Francisca Marina de Souza Freire et al. Percepção de docentes de enfermagem sobre o cuidado: uma construção heideggeriana. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 50, n. spe, p. 74-80, June 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-

[62342016001100074&lng=en&nrm=iso](http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000300011). Access on 06 Sept. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000300011>.

GARCIA ALUM, Nury Esther et al. Actitudes hacia el uso del condón masculino para la prevención del VIH/sida en estudiantes de medicina. **Rev Ciencias Médicas**, Pinar del Río, v. 15, n. 3, p. 38-49, sept. 2011. Disponible en http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1561-31942011000300005&lng=es&nrm=iso. Accedido en 01 oct. 2018.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. **Saude soc.**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 612-622, Sept. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000300008&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>.

GOMES, A. M. T.; SILVA, E. M. P.; OLIVEIRA, D. C. Representações sociais da AIDS para pessoas que vivem com HIV e suas interfaces cotidianas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 485-492, June 2011. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000300006&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Out. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000300006>.

LEAL, N. S. B.; COELHO, A. E. L. Representações sociais da AIDS para estudantes de Psicologia. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 9-16, Apr. 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000100009&lng=en&nrm=iso. Access on 18 Out. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/918>.

LEITE, Maria da Trindade Ferreira et al. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 434-438, Aug. 2007. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000400014&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000400014>.

LOZANO GONZALEZ, Aldo Favio; TORRES LOPEZ, Teresa Margarita; ARANDA BELTRAN, Carolina. Concepciones culturales del VIH/Sida de estudiantes adolescentes de la Universidad de Guadalajara, México. **Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv.**, Manizales, v. 6, n. 2, p. 739-768, July 2008. Available from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2008000200009&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Oct. 2018

MIRABAL NAPOLES, Marjoris et al. Actitudes socioculturales frente a las infecciones de transmisión sexual en estudiantes de Medicina. **Rev Hum Med**, Ciudad de Camaguey, v. 13, n. 1, p. 56-71, abr. 2013. Available from http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1727-81202013000100005&lng=es&nrm=iso. Access on 30 sept. 2018.

NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M. P. L. et al. (Org.) **Representações sociais**: abordagem interdisciplinar. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 67-77.

PINTO, A.; PINHEIRO, P.; VIEIRA, N.; ALVES, M. Compreensão da pandemia da aids nos últimos 25 anos. **DST – J bras Doenças Sex Transm**, v.19, n.1, p.45-50, 2007. Available from <http://www.dst.uff.br/revista19-1-2007/7.pdf>. Access on 12 Out. 2017.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Construção e transformação das representações sociais da aids e implicações para os cuidados de saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. spe, p. 276-286, Feb. 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000700034&lng=en&nrm=iso. Access on 20 May. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000700034>.

OLTRAMARI, Leandro. Um Esboço sobre as Representações Sociais da AIDS nos Estudos Produzidos no Brasil. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 4, n. 45, p. 2-17, jan. 2003. ISSN 1984-8951. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1948>. Acesso em: 20 maio 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/1948>.

PEREZ-PEREZ, Itahisa; MORON-MARCHENA, Juan Agustín; COBOS-SANCHIZ, David. Comportamientos y prejuicios de los jóvenes con relación al VIH/Sida: un estudio cualitativo con jóvenes universitarios nicaragüenses. **PSM**, San Pedro, v. 13, n. 1, p. 71-98, Dec. 2015. Available from http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1659-02012015000200004&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018.

REIS, Marta et al. Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. **Rev. Port. Sau. Pub.**, Lisboa, v. 30, n. 2, p. 105-114, jul. 2012. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252012000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpsp.2012.12.001>.

REIS, Marta et al. Relação entre atitudes sexuais, conhecimentos e atitudes sobre VIH/Sida na orientação sexual. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 141-151, mar. 2013. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862013000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 set. 2018.

RODRIGUES, Larissa Silva Abreu et al. Vulnerabilidade de mulheres em união heterossexual estável à infecção pelo HIV/Aids: estudo de representações sociais. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 349-355, Apr. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200012&lng=en&nrm=iso. Access on 27 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000200012>.

SA, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 19-33, dez. 1996. Disponível em

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 out. 2018.

SANTOS, N. J. S. et al. A aids no Estado de São Paulo: as mudanças no perfil da epidemia e perspectivas da vigilância epidemiológica. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 286-310, Dec. 2002. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2002000300007&lng=en&nrm=iso. Access on 14 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2002000300007>.

SANTOS, V. P.; COELHO, M. T. A. D.; MACARIO, E. L.; OLIVEIRA, T. C. S. Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV/AIDS e suas respostas sobre a proximidade com soropositivos? **Ciencia & Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 2745 - 2752, Aug. 2017. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002802745&lng=en&nrm=iso. Access on 21 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017228.25892015>.

SEIDL, Eliane Maria Fleury; RIBEIRO, Tânia Renata Alves; GALINKIN, Ana Lúcia. Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório sobre preconceito. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 15, n. 1, p. 103-112, Apr. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000100011&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000100011>.

SILVA, S. **As representações sociais sobre Aids para jovens universitários de Belo Horizonte**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

TAMAYO-ZULUAGA, B. et al. Estigma social en la atención de personas con VIH/sida por estudiantes y profesionales de las áreas de la salud, Medellín. **Ciencias de La Salud**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.9-23, 27 Feb 2015. Colegio Mayor de Nuestra Señor del Rosario. Available from <http://dx.doi.org/10.12804/revsalud13.01.2015.01>. Access on 17 Out. 2017.

TEIXEIRA, C. F. S.; COELHO, M. T. Á. D.; ROCHA, M. N. D. Bacharelado interdisciplinar: uma proposta inovadora na educação superior em saúde no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1635-1646, June 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000600015&lng=en&nrm=iso. Access on 21 Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600015>.

TORRES LOPEZ, T. M. et al. Concepciones culturales del VIH/Sida de adolescentes de Bolivia, Chile y México. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 5, p. 820-829, Oct. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000500007&lng=en&nrm=iso. Access on 20 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000500007>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). **Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde**. Salvador: UFBA, 2010.

VAN STADEN, A; BADENHORST, G. Reviewing gender and cultural factors associated with HIV/AIDS among university students in the South African context. **Curationis**, Pretoria, v. 32, n. 4, p. 19-28, 2009. Available from http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-62792009000400002&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Oct. 2018.

VILLARINHO, M. V. et al. Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 2, p. 271-277, Apr. 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000200018&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018>.

2.2 ARTIGO 2

AS REPRESENTAÇÕES DE UNIVERSITÁRIOS ACERCA DO HIV

Juan Felipy Felix de Oliveira¹; Maria Thereza Ávila Dantas Coelho²; Jorge Luiz Lordêlo de Sales Ribeiro³

¹*Bacharel em Saúde (UFBA), Graduando em Odontologia (UFBA), Mestrando no Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (PPGEISU/UFBA) - juan_felipy@hotmail.com*

²*Professora associada do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA) e Permanente do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (IHAC/UFBA) - thereza.ihac@gmail.com*

³*Professor associado do Instituto de Psicologia (IPS/UFBA) e Permanente do Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade (IHAC/UFBA) - jorgeluizdesales@gmail.com*

Resumo

A AIDS é conhecida por ser uma pandemia de múltiplas dimensões, na qual diversos fatores, como idade, orientação sexual, escolaridade e religião, podem impactar diretamente na transmissão do vírus. Trata-se de uma síndrome que faz relação com a vulnerabilidade social, comportamentos de risco, populações-chave e outros aspectos. Este trabalho tem como objetivo analisar as representações de estudantes universitários sobre o HIV. Espera-se também identificar seus saberes acerca de práticas preventivas, comportamentos de risco, qualidade de vida de PVHA, dentre

outras questões. A primeira etapa desta pesquisa foi realizada com 120 estudantes do projeto de extensão AIDS: Educar para Desmitificar, da Universidade Federal da Bahia, utilizando como instrumento de coleta de dados o TALP. Nesta segunda etapa do estudo, foram entrevistados 10 estudantes e suas falas foram analisadas explorando seu caráter subjetivo, de acordo com a Análise de Conteúdo de Bardin, possibilitando, assim, o estabelecimento de cinco categorias analíticas. Embora tenham sido identificadas certas discrepâncias nas falas dos participantes, alguns aspectos foram consensuais, a exemplo da percepção do preservativo como principal barreira para as transmissões do HIV, importância da informação nas formas de prevenção da contaminação pelo vírus, das consequências que o preconceito pode acarretar para a adesão e continuidade do tratamento da AIDS, dentre outros. Embora o perfil epidemiológico do HIV tenha mudado, algumas questões ainda permanecem no imaginário da população, como, por exemplo, a associação entre HIV e homossexualidade. Isso pode ser explicado pelo processo de ancoragem que existiu no imaginário da população, desde o início da síndrome. Tais resultados revelam a importância do estímulo à criação e manutenção de projetos voltados para a temática do HIV/AIDS, bem como do desenvolvimento de pesquisas que se relacionem com a temática.

Palavras-chave: HIV; associação livre; estudantes; universidades; saúde.

Abstract

AIDS is known as a multi-dimensional pandemic and factors such as age, sexual orientation, schooling and religion may directly impact the virus transmission. It is a syndrome related to social vulnerability, risk behaviors, key populations and others aspects. The objective of this study is to identify university student's representations about HIV. It is also expected to identify their knowledge about preventive practices, risk behaviors, PLWHA's quality of life, among other issues. The first stage of this study was carried out with 120 students from the University Extension Project called "AIDS: Educating to demystify", from the Federal University of Bahia, using the TALP as data collection tool. In this second research stage, 10 students were interviewed and their speeches were analyzed exploring their subjective nature, according to Bardin's Content Analysis, which allowed the establishment of five analytical categories. Although it has been identified some differences in the participants

speeches, some aspects were consensual, such as the perception of condoms as the main barrier to HIV transmission, the importance of information as ways to prevent HIV contamination, the consequences prejudice may present for adherence and continuity of AIDS treatment, among other issues. Although the HIV epidemiological profile has changed, some issues still remain in the population's imaginari-um, such as the association between HIV and homosexuality. This can be explained by the anchoring process existed in the population's imaginary, since the beginning of the syndrome. These results reveal the importance of stimulate the creation and maintenance of projects focused on HIV/AIDS, as even as the development of research related to the theme.

Keywords: HIV; free association; students; universities; health.

Introdução

Passadas quase quatro décadas desde o surgimento dos primeiros casos de infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), diversos são os estudos sobre a repercussão da AIDS na sociedade (FERREIRA et al, 2018). De acordo com Seidl et. al (2010, p. 104), “Em um primeiro momento, a opinião pública produziu representações apoiadas na ideia de peste (ameaça extrema à população).” e, “Além disso, a AIDS esteve inicialmente associada aos chamados grupos de risco, muitas vezes discriminados e marginalizados, como os homossexuais, usuários de drogas injetáveis e prostitutas.”.

Por se tratar de uma doença correlacionada com diversos fatores, como aspectos ligados à vulnerabilidade social, comportamentos de risco, populações-chaves, dentre outros, vários são os campos do conhecimento que buscam estudá-la. Segundo Seidl et. al (2010, p. 104), “Desde o surgimento da AIDS, a sua representação social prima pelo caráter discriminatório e estigmatizante.”. Podemos perceber traços dessas primeiras representações na nossa sociedade, que ficaram ancoradas no imaginário de parte da população até hoje, dentre eles os antigos grupos de risco. Para Gomes, Silva e Oliveira (2011, p. 3), “Uma das ancoragens da AIDS apresentada relaciona-se a dois grupos sociais, os homossexuais e pessoas

promíscuas”. No estudo de Oliveira (2013), que buscou identificar as construções e representações sociais da AIDS, também podemos perceber traços disso, quando afirma que:

A magreza da cólera, a periculosidade da peste, a propagação do câncer e a sua relação com a transmissão sexual, assemelhando-se à sífilis estimulou, por um lado, a ancoragem em classificações consideradas científicas nas patologias conhecidas e, por outro, permitiu a ativação de simbolismos disponíveis na memória coletiva do senso comum (Idem, 2013, p. 2).

Desde a década de 90 recomenda-se a substituição do termo ‘grupo de risco’ por ‘comportamentos de risco’, uma vez que as infecções do vírus se espalharam de maneira ampla e podemos encontrar pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA) em todos os gêneros, orientações sexuais, idades e condições de vida. Os comportamentos de risco para o HIV são entendidos como atitudes ou práticas que aumentam a exposição do indivíduo frente à infecção pelo vírus (BRASIL, 2018). De acordo com Moura et al (2018, p. 2), “O envolvimento do indivíduo em atividades que levam ao comprometimento de sua saúde física e/ou mental pode definir o que se denominam comportamentos de risco para a saúde (CRS)”. Em seu estudo, que busca identificar tais comportamentos entre estudantes brasileiros, foi identificado que, dentre os CRS, o mais encontrado foi o ato sexual que contribui para a gravidez involuntária e para as doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a relacionada ao HIV.

De acordo com o Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS mais recente (BRASIL, 2018), do ano de 2017 até 30 de junho de 2018 foram diagnosticadas 59.668 pessoas com HIV no Brasil. Desde seu surgimento no Brasil, na década de 1980, até junho de 2018, foram identificados 982.129 casos de AIDS. Apenas no ano de 2017 foram diagnosticados 42.420 novos casos de pessoas com HIV e 37.791 casos de AIDS.

A distribuição desses casos na população não se dá de maneira homogênea, entretanto. Fatores como faixa etária, sexo, orientação sexual, escolaridade, localidade, etc. impactam diretamente na distribuição do HIV/AIDS. Os dados epidemiológicos mostram que a razão das infecções do HIV é de 26 casos em homens para cada 10 casos em mulheres, por exemplo (BRASIL, 2018). Quando o quesito em questão é a categoria de exposição frente ao HIV, ao avaliar os casos de 2007 até 2018 constatamos que nos homens, com 13 anos ou mais, a maioria das

infecções se deu através da via sexual, correspondendo a 96,3% dos casos. Resultado muito similar foi encontrado em relação às mulheres de 13 anos ou mais, correspondendo a 96,8%, sendo apenas 1,6% dos casos de infecção pelo uso de drogas injetáveis e 1,5% através de transmissão vertical, que é a transmissão do HIV da mãe para o(a) filho(a).

Em relação à escolaridade, percebemos algo interessante. Do total de casos de HIV identificados no ano de 2017, mais da metade possuía escolaridade acima do ensino médio completo (incluindo ensino superior incompleto e completo), correspondendo a 52,3% dos casos, enquanto que as pessoas com ensino reduzido (desde analfabetismo até Ensino Médio Incompleto) correspondiam a 47,7% das pessoas infectadas (BRASIL, 2018).

Observa-se que, “Desde o início da epidemia de AIDS (1980) até 31 de dezembro de 2017, foram notificados no Brasil 327.655 óbitos tendo o HIV/AIDS como causa básica” (BRASIL, 2018, p. 20). A região Nordeste foi responsável por conter 13,3% destes casos. O estado da Bahia, assim como 12 outras unidades federativas, apresenta declínio no coeficiente de mortalidade pela AIDS.

Levando esses aspectos em consideração, o objetivo deste trabalho é identificar como se caracterizam as representações acerca do vírus do HIV, de estudantes participantes do projeto de extensão universitário AIDS: Educar para Desmitificar. Além disso, busca-se identificar seus saberes sobre questões como comportamentos de risco, PVHA, práticas sexuais, dentre outras. Partindo do pressuposto de que compreender como os estudantes se relacionam com essas questões é de suma importância para o campo da saúde, acredita-se que este estudo possa contribuir para aproximar possíveis ações e políticas públicas do imaginário desses estudantes, contribuindo assim para práticas mais incisivas e certas, voltadas para a realidade desse e dos demais grupos.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo e analítico, com abordagem qualitativa. Fizeram parte desta etapa do estudo 10 universitários participantes do projeto de extensão universitário AIDS: Educar para Desmitificar, vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC, da Universidade Federal da Bahia

– UFBA.

Optou-se pela utilização de um roteiro de entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, contendo 14 perguntas norteadoras, como guia para auxiliar na exploração do caráter subjetivo das representações dos sujeitos. As perguntas foram elaboradas de modo a englobarem os objetivos deste trabalho, buscando compreender os conhecimentos e representações dos estudantes acerca do HIV. Buscou-se explorar aspectos como o que o vírus representa para os participantes, bem como questões envolvendo comportamentos de risco, grupos-chave, formas de transmissão, vulnerabilidade, sexualidade, dentre outras que poderiam surgir.

Duarte (2004) afirmou, em seu trabalho sobre o papel das entrevistas nas pesquisas qualitativas, que “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (Idem, p. 215). De acordo com ela,

Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (Idem, p. 215)

Utilizou-se também do auxílio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), para a interpretação dos dados, de modo a possibilitar uma análise mais rica das falas dos participantes. De acordo com Minayo (2012, p.622), “Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados.”.

A etapa da coleta de dados iniciou-se com a chamada incessante aos estudantes que participaram da atividade de extensão no decorrer do ano de 2018. Os convites foram feitos de forma presencial - através da participação nos encontros que ocorriam no campus de Ondina -, de forma eletrônica - através de e-mail -, e através

dos bolsistas participantes do projeto de extensão. Ao todo foram contatados mais de 100 participantes, sendo que, até o prazo estabelecido para o término da coleta de dados e início do processamento, foram realizadas 10 entrevistas.

As entrevistas foram feitas em ambiente isolado, numa sala previamente reservada, de forma individual, com o auxílio do roteiro de entrevista, que serviu como norteador, e do aparelho celular para gravar as entrevistas. Antes delas começarem, foram destinados 30 minutos de conversa com os participantes, de forma a proporcionar certa descontração, quando também foram apresentados os objetivos do trabalho.

A primeira etapa de organização dos dados se deu com a transcrição das entrevistas de forma literal, como proposto por Bardin (2011). Essa etapa demandou bastante atenção e, após as releituras e correções constantes do documento, o corpus textual tomou sua forma definitiva. Segundo Bardin (2011, p. 96), “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Vale ressaltar que o processo de categorização dos dados não se deu de imediato, mesmo após a leitura repetitiva do conteúdo, pois já se esperava que as categorias pudessem ser obtidas a partir do auxílio do processamento dos dados pelo software IRAMUTEQ, uma vez que a análise lexicográfica (de frequência dos termos) poderia ser útil para esta etapa.

Assim, dando continuidade, a segunda etapa foi a lematização, que consiste na junção de palavras semânticas, ou seja, que apresentem o mesmo sentido. O software escolhido para o processamento dos dados foi o Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ), por possibilitar o processamento esperado para a pesquisa e também ser um software livre (gratuito). Uma revisão minuciosa e correção de todo o corpus tiveram que ser feitas para um correto processamento, pois erros ortográficos, palavras compostas, diminutivos e algumas siglas podem acarretar um mau funcionamento do software.

Com o processamento no software IRAMUTEQ, foi possível a realização da análise lexicográfica clássica, que identifica a frequência dos termos citados pelos estudantes. Dentre os termos mais citados, apareceram: HIV (225), camisinha (138), sexo (127), AIDS (123), doença (121), informação (95), comportamento de risco (90). Estando o corpus devidamente estruturado e sistematizado, e seguindo as

recomendações da leitura flutuante de Bardin, as seguintes cinco categorias foram então estabelecidas a partir dos termos que apareceram como mais frequentes no Iramuteq e das falas nas entrevistas:

1ª categoria: O HIV sob a ótica dos estudantes

2ª categoria: Práticas preventivas frente o HIV

3ª categoria: comportamentos de risco ligados ao HIV

4ª categoria: Conhecer para desmitificar: os estereótipos que as pessoas têm acerca do HIV

5ª categoria: As dificuldades de se con(viver) com o HIV

Todos os participantes desta pesquisa foram informados sobre o anonimato de suas identidades e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação na pesquisa. Foi ressaltado também que o estudo em questão foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem da UFBA, sob o nº. 2.349.850, respeitando-se os dispositivos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

Resultados e Discussão

De modo a garantir o anonimato dos participantes, apenas foi perguntado para os mesmos quatro questões de natureza pessoal: a idade, o curso, o semestre e como se autorreferiam em relação ao gênero. Com base nisso, 6 se identificaram como homens e 4 como mulheres; a idade variou de 18 até 25 anos; a maioria dos estudantes (8) estavam cursando o curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, entre o 1º e o 7º semestre; e 2 estudantes cursavam o Bacharelado Interdisciplinar de Ciências e Tecnologia, ambos no 2º semestre. O processamento das entrevistas possibilitou a identificação de 2608 formas, ou seja, palavras diferentes, que foram divididas em ativas e suplementares.

1. O HIV sob a ótica dos estudantes

Uma análise minuciosa revela a conexidade entre o HIV e a AIDS. O entrevistado 1, por exemplo, afirmou:

Eu tinha ideia de que HIV e AIDS eram a mesma coisa, para mim era a mesma coisa, para mim se você falasse um, era como se fosse sinônimo do outro. Mas hoje, eu tenho uma noção de que são coisas diferentes, que tipo, a AIDS é uma consequência do HIV. Mas é aquele mesmo processo, por ter essa construção de que são a mesma coisa, eu ligo logo à uma coisa ruim. (P1)

Achado similar foi encontrado na primeira etapa deste estudo, realizada com 120 estudantes universitários, que buscou apreender a estrutura das representações sociais dos mesmos sobre o HIV, utilizando o Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) (OLIVEIRA, COELHO & RIBEIRO, inédito). Nessa primeira etapa foi elaborado o Quadro de Quatro Casas, onde tanto o elemento “vírus” (f=54; OME=2,48) quanto a “AIDS” (f=27; OME=2,12) apareceram como elementos do núcleo central, bem como associados na Árvore Máxima de Similitude através do termo doença, indicando conectividade entre os mesmos.

Na estrutura representacional do HIV, a ideia de “doença” (f=80; OME=2,07) possui destaque, ao compor o Quadro de Quatro Casas como elemento principal do Núcleo Central. Esse elemento apresenta indícios de centralidade, pela posição que ocupa e as conexões estabelecidas com os demais elementos que compõem a Árvore Máxima de Similitude. Também encontramos indícios da forte associação entre HIV e doença nas falas dos participantes, nas entrevistas, através da ideia de evolução da infecção, que pode ainda acarretar a morte da pessoa soropositiva.

Isso se mostra claro para o entrevistado 1, quando inicia sua fala dizendo que o HIV representa, para ele,

Uma doença maligna (pausa) uma doença maligna, que tipo, mata um monte de gente, que apesar dos avanços que teve aí, a gente está vendo um monte de gente morrendo. E é uma coisa que você pensa assim, Meu Deus! O HIV já é algo tipo: Ah! Você vai morrer! É ligado diretamente à morte. (P1)

Essa associação do HIV/AIDS a uma doença mortífera aparece em diversos estudos (GOMES et al., 2012; GOMES, SILVA & OLIVEIRA, 2011; OLIVEIRA, 2013; PASCHOAL et al., 2014). Angelim et al (2017, p. 225) confirmam isso quando alegam que “Essas representações estão integradas a um valor social, associadas às repercussões afetivas e morais negativas, ligadas ao fato de estar doente.”.

Com o intuito de identificar as representações dos estudantes sobre o HIV, a primeira pergunta feita aos entrevistados foi “O que o ‘HIV’ atualmente representa

para você?”, seguida de “Quais outras representações você tem acerca do HIV?”, de modo a buscar compreender se a experiência universitária, bem como a participação na Extensão AIDS: Educar para Desmitificar, de alguma forma pode ter tido impacto na forma em que esses estudantes compreendem as questões relacionadas ao HIV.

Isso fica perceptível na fala do participante 8, quando responde à pergunta da seguinte forma:

Acho que hoje já mudou muito minha relação com o que era antigamente. Quando eu pensava em HIV, me vinha na cabeça aquela pessoa anêmica, raquítica, que não conseguiria ter uma vida saudável, uma vida normal. Depois que eu entrei na faculdade, meio que desmistificou um pouco disso. Hoje eu vejo como uma doença que precisa ser tratada, que precisa estar com um acompanhamento, com tudo, mas que não torna o ser humano que tem aquela doença como um “alienígena”. Porque antes a impressão que eu tinha era que “Meu Deus, a pessoa tem AIDS, não toque em mim!”. (P8)

E então complementa, dizendo:

E hoje eu já tenho uma visão de “Não, a pessoa é normal, está com uma doença, mas ela pode, ela deve se tratar, e quando se tratar, e se se tratar né? Vai depender da pessoa, ela vai ter uma melhora e isso não tem que mudar a forma que eu vou tratar ela, ela continua uma pessoa normal, com sentimentos, com uma visão de mundo, com tudo”. (P8)

Paschoal et al (2014) discutem em seu estudo sobre questões que envolvem a adesão à terapia antirretroviral e suas representações para as PVHA.

Observa-se, também, que tomar a medicação implica perceber-se ou sentir-se doente, o que leva a duas problemáticas: a primeira é o fato de o paciente só buscar ajuda quando adocece, e a segunda é que, após sentir-se bem ou “curado”, abandona o tratamento novamente (Idem, 2014, p.36).

Gomes et al (2012) perceberam que “Esta representação influencia a adesão à terapia medicamentosa, já que os sujeitos não veem sentido em sua realização, pois a morte é considerada inevitável para as pessoas que vivem com o HIV.” (Idem, 2012, p. 118).

Outro resultado encontrado na primeira etapa do nosso estudo foi a associação entre os termos “doença” e “estigma” ($f=13$; $OME=2,76$) (OLIVEIRA, COELHO & RIBEIRO, inédito). Estigma apareceu no Quadro de quatro casas como elemento da Zona de Contraste, conectando-se diretamente ao elemento doença na Árvore Máxima de Similitude. Algumas falas mostram que essa associação permeia o

imaginário de alguns estudantes, como é o caso dos participantes 1 e 4:

Tem muita coisa negativa, muito estigma, as pessoas preferem morrer com a dúvida se têm ou não a doença, do que ir lá e procurar saber se têm ou não. Se está portando ou não o vírus. (P1)

Porque o HIV/AIDS (pausa), as pessoas têm esse estigma que só homossexuais, ou só transgêneros, ou mulheres trans, que se prostituem, vão adquirir o HIV, ou mulheres cis, que se prostituem também. (P4)

Percebe-se também os impactos que o ambiente em si apresenta nas questões envolvendo o vírus. Para alguns participantes, o processo de interiorização da AIDS é um quesito que irá influenciar em diversos fatores, desde o descobrimento da soropositividade, até a adesão ao tratamento e qualidade de vida da pessoa que vive com o HIV/AIDS (PVHA).

Porque no meu interior tem muito isso, “Ah! Aquela pessoa tem AIDS”, você já deduz que deve ter mesmo. Então é mais a questão de aparência e a questão de com quem você anda, o ‘círculo social’ que você convive. Tem muita diferença, por que Salvador é uma cidade gigantesca, tem mais de 1 milhão de pessoas, você nem vai olhar para a cara da pessoa. E a pessoa aqui em Salvador tem mais acesso às informações. As pessoas podem entrar num ambiente que vai pegar o coquetel e ninguém vai ver. (P1)

Em contrapartida, para ele,

No interior não tem isso. No interior tem aquele negócio de cidade pequena, todo mundo conhece todo mundo, e se a pessoa está fazendo um tratamento, aí todo mundo descobre, espalha. E na capital, tem negócio de ter cara que não (pausa), que você pode estar andando com a pessoa, e que, por exemplo, você ser portador do vírus e eu não saber. E lá no interior não, fulano anda com beltrano, fulano tá magro, fulano tá com isso, aí vai criando uma cadeia de coisas, de tentar incluir aquela pessoa naquele grupo. E aí é muito mais fácil você detectar no interior do que aqui. Cidade pequena. (P1)

No trabalho de Furtado et al (2016), que estudou como se dava o processo de interiorização do HIV/AIDS através das representações de residentes do interior, percebeu-se que “A atribuição da AIDS como uma expressão do pecado também leva os entrevistados a introjetarem representações ligadas a sentimentos de medo e terror, bem como constrangimento ou vergonha de ser diagnosticado com a doença” (Idem, 2016, p. 67).

2. Práticas preventivas frente o HIV

Outra situação que vale ressaltar são as conexões entre o elemento “camisinha” (138) e os elementos “sexo” (127), “mulheres” (48), “prevenção” (34), “homens” (22), “vulnerabilidade” (22) e “parceiro” (19). Foi unânime a associação da camisinha com a principal forma de prevenção ao vírus. Quando se perguntou qual seria o principal comportamento de risco que poderia expor uma pessoa à infecção pelo HIV, todos responderam que seria o sexo sem camisinha. Segundo o participante 8,

Hoje eu creio que seja o sexo sem camisinha, embora tenha muita propaganda sobre o uso da camisinha e tal, é muito comum a gente ouvir, pelo menos tem bastante disso, das pessoas da minha idade “ah, se você já está com uma pessoa, não necessariamente numa relação fechada, mas se você já está há muito tempo com uma pessoa, você passa a confiar nela e deixa de usar o preservativo”, ou você tá apaixonada e o cara não quer com camisinha, ou o contrário né? (P8)

Diversos são os estudos que trazem o preservativo como uma das principais barreiras para a prevenção do HIV (ANGELIM et al., 2017; FARIA et al., 2015; MOURA et al. 2018; TORO-ZAPATA, CALDERÓN-GUTIÉRREZ & MOLINA-DÍAZ, 2018). De acordo com Toro-Zapata, Calderón-Gutiérrez e Molina-Díaz (2018 p. 295), “El uso de los preservativos como método de barrera sigue siendo el mejor método y el más generalizado para evitar el contagio con el VIH”.

Ao ser questionada sobre se todas as pessoas estariam suscetíveis a contrair o HIV, a participante 7 não hesitou em responder que

Sim. Porque você está correndo risco, assim, não tem nada que te diga que a pessoa tem HIV, ou que a pessoa está infectada, você corre o risco, não tem como você saber, a não ser que você puxe cada pessoa que você conheça e peça para fazer um teste rápido de HIV, o que é impossível, “Oi, tudo bom, tudo bem? Então, antes da gente continuar nossa conversa, a gente poderia ir ali fazer um teste de HIV rapidão?” Sabe? Acho isso impossível, então, acho que todo mundo está suscetível. (P7)

Quando questionados sobre os fatores que aumentariam as chances de uma possível contaminação pelo HIV, outro participante associou isto com o conhecimento, o grau de instrução:

Uma pessoa que mora na periferia, que mal terminou o ensino médio, que está ali naquela casa, no calor, encontra uma pessoa ali bonitinha, bate um papo e transa, nenhum dos dois têm instrução, nenhum dos dois têm o conhecimento de tudo que pode acarretar aquilo. Até sabe que pode engravidar, mas não têm condições de pensar ou prevenir, não têm condições de ir no posto pra pegar

camisinha, não sabe nem que é de graça. Naquele momento, aquele momento é o que eles têm. Então é outro grupo que está bastante suscetível. Então acho que não somos todos suscetíveis, mas existem pessoas que têm uma condição de chegar a esse ponto. (P3)

Esse mesmo aspecto é tratado por Rolim et al (2016), que buscaram estudar o conhecimento e acesso aos programas de educação sexual e prevenção da AIDS entre adolescentes:

A camisinha é o método de prevenção mais conhecido e usado entre os adolescentes, e a maioria declarou não obter camisinha dos postos de saúde, mostrando que, mesmo aqueles adolescentes com nível socioeconômico menos favorecido, como o caso da presente amostra, não aproveitam as facilidades oferecidas pelo Estado. (ROLIM et al, 2016, p. 119)

O mesmo participante 3 completa então seu raciocínio dizendo que essa situação em questão

É pra pessoas de baixo grau, tem pessoas que têm conhecimento e que são simplesmente irresponsáveis. Eu dei exemplo do heterossexual, mas tem exemplos homossexuais, têm muitos caras que acham que fazer sexo sendo ativo não é um fator de risco, eles podem fazer sexo com vários caras sempre, se gozar fora está seguro, o que não é verdade, então existe muito essa irresponsabilidade, eles sabem o que acontece, mas mesmo assim fazem. É uma irresponsabilidade, mas não é uma suscetibilidade da comunidade geral nem a suscetibilidade de todo mundo. (P3)

Algo similar foi percebido na fala do participante 6, que alegou que pretendia realizar futuramente exames de detecção do HIV:

Porque eu já tive uma ou duas relações sexuais sem camisinha depois da realização do último teste, que tem mais de 1 ano o último teste, que eu acho que é muito pouco provável que eu tenha, porque era uma namorada minha que eu tinha há muito tempo, mas enfim, nunca se sabe, então eu já estou num outro nível de conhecimento onde sei que não tem mais cara, já não tem mais estereótipo, não precisa ser mais simplesmente uma pessoa que você conheceu naquele dia. (P6)

O participante 5, por sua vez, acredita que o ambiente frequentado pelas pessoas pode ter influência numa possível transmissão do vírus, ao dizer que:

Também tem alguns lugares que a gente deveria evitar, ou deveria ter mais segurança, porque em algumas festas, tem muita gente que (pausa) já passou em muitas reportagens sobre isso, que levam seringas com sangue infectado e aplicam nas pessoas. Eu acho que você tem que ver para os lugares que você vai, tem que ter mais segurança e ver onde você vai direito. (P5)

Uma das perguntas feitas aos participantes foi se para a pessoa era um direito exigir do parceiro o uso do preservativo. Tivemos algumas respostas discordantes. O participante 3 foi contra isso, dizendo que

Eu não exijo de ninguém, agora se a pessoa não quer usar eu não vou fazer sexo. Eu acho que é um direito seu usar camisinha, se a pessoa não quer, é um direito dela, agora não significa vai fazer sexo comigo. Eu acho que é um direito seu usar camisinha e é um dever seu escolher com quem você vai fazer sexo. Uma pessoa que não quer usar camisinha é uma pessoa com quem você deva fazer sexo? Aí são escolhas, aí entra aquele negócio que eu disse, vulnerabilidade e responsabilidade. (P3)

Já a participante 9 concordou com a afirmativa, dizendo que

Sim, com certeza é um direito meu exigir do meu parceiro a utilização do preservativo, até porque sexo tem que ser uma coisa consentida, então se para o consentimento o uso do preservativo, para você ou para outra pessoa é essencial, então sem o uso do preservativo não é um sexo consentido, é uma violência. (P9)

A participante 7 também concordou com essa afirmativa, afirmando que

Acho que tenho direito, e eu acho que, sei lá, sempre foi posto na minha cabeça que sexo só com camisinha, então, por exemplo, minha mãe sempre me falou “se na hora o cara não quiser colocar a camisinha, não faça”. E não só por HIV, mas por todas as outras DSTs e até por gravidez, e é o que eu falei durante toda minha vida, que eu tenho mais medo de pegar uma DST do que uma gravidez, então eu tenho muito na minha cabeça, camisinha, porque sexo precisa usar a camisinha, então eu acho que é um direito meu sim. (P7)

Quando a pergunta foi inversa, ou seja, se o outro, o parceiro, teria direito de exigir que você utilizasse o preservativo, o participante 3 alegou que também não concordava com isto, pois para ele

É um direito meu utilizar o meu preservativo, se a pessoa falar assim “você tem que usar o preservativo”, eu vou dizer “eu vou usar o preservativo porque eu quero, não porque você está mandando”, é um direito meu utilizar o meu preservativo. Eu acho que é errado você cobrar da pessoa aquilo, se a pessoa não quer usar, se a pessoa quer ter aquele comportamento, é o dela, o máximo que eu posso fazer é dizer assim “olha isso pode gerar doenças”, eu posso explicar pra ela. Mas, perante nossa Constituição nós somos livres para fazer o que quisermos, temos o direito de ir e vir, então eu não posso chegar para ela e obrigar ela a usar algo que não queira. Mas eu posso não fazer sexo com ela por ela não querer usar o que eu queira. (P3)

Já o participante 6 concordou com a afirmativa acima, alegando que

sim, porque eu estou percebendo que antes eu não tinha isso, eu achava que depois de determinado tempo que você está com uma pessoa, que deveria ter uma confiança, e hoje eu já vejo de uma outra forma, eu já vejo que não só pelo HIV, mas por gestação, é melhor que não porque o parceiro exija, mas que ambos tenham essa consciência. (P6)

Quando provocado a pensar sobre possíveis estratégias para a diminuição dos casos de infecção do vírus, o participante 6 alegou que

Tem estatísticas, indicadores, de quais locais estão prevalecendo mais, onde estão surgindo mais casos novos, e atacar aqueles locais com medidas de políticas públicas de diversas áreas, intersetoriais, para ver o que possa se fazer. “É a vulnerabilidade daquele ponto que está muito alta? É a qualidade de vida do pessoal que está ruim ali?”, por isso que não têm nem condição de comprar camisinha?, “não tem posto perto que esteja dando a camisinha? Não tem informação? O quê que está acontecendo?”. No geral seria uma atenção mais eficaz dos governos para mudar essa situação, direcionar tanto o investimento monetário quando o investimento humano nisso, acho que seria isso, não se direciona como o fator principal diminuir o comportamento de risco do indivíduo. (P6)

Podemos perceber traços desse pensamento na fala da participante 7, sobre a importância que a divulgação do conhecimento tem para o combate da epidemia:

Eu acho que, assim, como eu falei, tem uma parte que ainda desconhece, desconhece não né, prefere não tocar no assunto, eu acho que tem que ser uma coisa mais debatida, eu acho que precisa mais de um incentivo para ser debatido, como é que se contrai, o que acontece, mas que também se você contrair, que não é o fim do mundo, temos opções, você tem como seguir com sua vida, e acho que isso precisa ser debatido, em todas as idades. (P7)

3. Comportamentos de risco ligados ao HIV

Uma das perguntas feitas aos participantes foi “Para você o que são ‘comportamentos de risco’ frente ao HIV?”. Todos os participantes relacionaram esses comportamentos a questões sexuais e o principal comportamento de risco observado pelos participantes foi majoritariamente o sexo sem o uso do preservativo.

Os participantes 1 e 3 entendem que

Comportamento de risco (pausa), existe o risco, mas tem certas atividades que você faz, que lhe submete a uma quantidade de risco maior que uma outra pessoa que não tem esse comportamento. Por

exemplo, a questão do vírus, tem várias formas de transmissão, mas se você tem uma vida sexualmente ativa, se você costuma fazer sexo sem camisinha, se você costuma compartilhar objetos cortantes que tenha contato com sangue, aí são comportamentos de risco. (P1)

Acho que comportamento de risco em si é não prevenir-se na hora do sexo, a prevenção é a melhor forma de evitar uma situação de risco. (P3)

Também tiveram falas que confirmaram a associação desses comportamentos com práticas preventivas. Segundo o participante 5:

Acho que o comportamento de risco também é você não se declarar, se você tiver. Se você não tiver, como eu falei, você se prevenir. Se você não se prevenir, você está tendo comportamentos de risco, eu acho. Acho que também tipo, a questão que acontece muito aqui no Brasil, em algumas festas tipo o Carnaval. Acho que você pegar qualquer pessoa que você não conhece, ali na rua, e você querer ficar e fazer sexo na mesma hora, sem conhecer a pessoa, e a pessoa falar “Ah, vamos fazer sexo sem camisinha mesmo” e você vai e faz. Ou ela leva a dela, e possa ser que a dela esteja furada, acho que esse é um comportamento de risco. (P5)

Os participantes 4 e 6 apresentaram pensamentos parecidos, acreditando que alguns fatores como instrução, conhecimento e renda têm relação direta com o assunto, como podemos perceber em suas falas:

Um travesti, por exemplo, que se prostitui, se considera um comportamento de risco. Acredito que cada caso é um caso, talvez seja um comportamento de risco, talvez seja a única alternativa daquela pessoa, não necessariamente um comportamento. Então culpabilizar o indivíduo não é a melhor forma. Para mim comportamento de risco é quando a pessoa tem informação e mesmo assim tem aquele comportamento. (P4)

E conclui o seu pensamento:

A pessoa que tem todo o amparo para se proteger da doença e mesmo assim tem um comportamento, aí para mim, seria um comportamento de risco. Se ela não tem acesso à informação, não é necessariamente um comportamento de risco, porque ela pode ter ouvido falar, mas ela não tem a informação completa. (P4)

A gente não pode igualar esses comportamentos de risco de um com o outro, então de uma forma simples a gente pode falar que o comportamento de risco é, sim, para quem tem o conhecimento disso, e quem tem material, material mesmo, na mão, para fazer um sexo seguro, e não faz, esse está tendo um comportamento de risco, quem tem material e informação. (P6)

Em contrapartida, continua dizendo que:

Mas se está faltando um dos dois, para um determinado indivíduo, a gente não pode culpá-lo por não se privar de suas necessidades, suas vontades, seus hormônios, porque não tinha a camisinha na hora, nem a informação de que aquilo seria prejudicial para ele. Então o comportamento de risco seria você ter a informação e o material para não exercer o comportamento de risco, e mesmo assim você fazer. Você estará tendo um comportamento de risco, uma atitude de risco. (P6)

Outro comportamento de risco que, quando associado com práticas sexuais, pode ocasionar na contaminação com o HIV é o compartilhamento de drogas (PECHANSKY et al., 2004). Guedes et al (2012) também observaram que a frequência de uso de preservativo foi significativamente menor entre os participantes que relataram ter compartilhado drogas na última relação sexual. A maior parte dos nossos entrevistados (2,3, 5, 7, 8 e 9) citou a utilização de drogas injetáveis, bem como o compartilhamento de seringas, como comportamento de risco para a transmissão do HIV, como podemos perceber nas falas:

São essas, a questão do sexo de risco, com práticas de risco, e eu quero colocar em segundo lugar o uso de drogas injetáveis. (P9)

Então assim, eu acho que esse é o maior problema, e também a questão das drogas, eu vejo que é muito crescente, pelo menos no meu meio social, o uso de drogas, e eu creio que as injetáveis estejam no meio, e creio que sejam um agravante também. (P8)

O participante 5 acredita que apenas a existência de Políticas Públicas com foco na doação/distribuição de seringas para usuários de drogas endovenosas não seja tão eficiente para a diminuição da transmissão do HIV por compartilhamento de seringas. De acordo com ele, deveriam existir estratégias para que a informação chegasse aos usuários de drogas de forma eficiente, quando diz que:

Eu sei que existem algumas políticas de dar a seringa nos postos de saúde, mas acho que ainda as pessoas não sabem, porque eu não sabia disso! Eu soube porque eu tive acesso aqui na faculdade. Mas acho que a pessoa que usa droga injetável não tem acesso nem a essa informação, que alguns lugares disponibilizam essa troca. E também procurar transmitir mais informação para elas (pausa). Como essa questão da seringa, quando der a seringa, fazer algum comentário, dar folheto que tenha mais informação. Disponibilizar mais informação para as pessoas, de alguma forma, que vai fazer efeito, porque se você só falar para ela, acho que não vai fazer efeito, tem que ser de alguma forma mais elaborada, as pessoas têm que se juntar pra elaborar uma forma mais eficaz para isso. (P5)

Quando perguntado sobre se fazer sexo com vários parceiros poderia ser considerado ou não um comportamento de risco, o participante 3 não concordou,

dizendo que

Mas para tudo isso eu acho que a melhor coisa que tem é eu saber, que eu transei com 20 pessoas, mas que eu transei com as 20 pessoas superprotegido. Eu posso colocar a cabeça no travesseiro e dormir, eu acho que é muito melhor do que eu fazer com uma pessoa toda noite, sem camisinha, e dormir pensando se aquela pessoa não fez sexo com outra pessoa sem camisinha, e se eu possa ter algum problema. (P3)

Em um estudo que buscou avaliar o comportamento sexual e formas de prevenção, foi questionado aos participantes algumas estratégias utilizadas para redução do risco de infecção pelo HIV e uma das repostas foi “Sou vigilante comigo mesmo, para evitar a promiscuidade” (NODIM, CARBALLO-DIEGUEZ & LEAL, 2015, p. 616). A promiscuidade foi entendida, nesse estudo, como a redução dos parceiros sexuais. É importante destacar que essa é uma recomendação do Ministério da Saúde para a redução do risco de infecção (BRASIL, 2014).

O aumento do número de casos de infecção em idosos também é um assunto abordado pelos participantes. Para a entrevistada 7, “Tem aquela coisa do muitos idosos estarei contraindo HIV, e eu acho que é muito por falta, desinformação, então eu acho que tem que disseminar mais [informação], em todos os âmbitos, em todas as idades.”. Uma das possíveis causas disso seria o sexo extraconjugal. Em relação ao impacto que a confiança no parceiro apresenta na utilização do preservativo, Faria et al (2015, p. 30) afirmam que

Neste estudo identificou-se que entre as parceiras fixas havia um uso mínimo do preservativo, independentemente do tipo de prática e com as parceiras frequentes o uso de preservativo era maior, tanto na relação vaginal (56,6%) quanto na relação anal (45%).

Quando foi perguntado ao participante 4 se ele se considerava suscetível a contrair o HIV, sua resposta foi que

Não. Eu já me senti, hoje com a visão que eu tenho, eu já vejo que em algum momento eu estive exposto, por fazer sexo sem camisinha, mesmo que seja com uma pessoa que, um parceiro fixo que eu fiquei um certo tempo, que eu tive relação sexual com ele. Era eu com ele e, aparentemente, ele comigo somente, mas hoje eu vejo que eu estava exposto porque eu não tinha como ter certeza que ele estava só comigo, e não é só na questão sexual, ele poderia ter pegado de outra forma, cortando cabelo, fazendo a unha, enfim em outras formas de contágio. (P4)

E deu seguimento ao seu raciocínio dizendo que

Então, por exemplo, eu fiquei um ano e um tempo fazendo sexo sem camisinha. Era só com uma pessoa, porém era sem camisinha, e, ao meu ver, eu estava exposto e hoje eu só faço sexo com camisinha. Alguns meses atrás que aconteceu, e foi um comportamento de risco, porque eu tinha toda informação. (P4)

Quando se perguntou ao participante 3 se o mesmo acreditava que o uso do preservativo se dava da mesma forma para homens e mulheres, ele disse

Não, eu vejo que ainda há uma vulnerabilidade muito grande na imposição das mulheres quanto à camisinha, eu vejo que muitas vezes elas não têm escolha. Eu vejo muito isso em falas de meninas em situações sexuais que eu vivi e presenciei de, por exemplo, uma vez eu fui para um swing aí eu disse que a minha situação era usar sempre camisinha. E aí o menino chegou e a minha colega pediu para ele usar a camisinha, aí ele disse que não conseguia fazer sexo com camisinha, que o pau dele não crescia, e aí ela disse “mas eu bato para você”, ela tentou fazer toda aquela sensação para ele deixar ela fazer com camisinha, mas ele disse que não conseguia, e no final ela foi vencida por isso e fez com ele sem camisinha. E aí depois, no outro dia, ela foi tomar pílula do dia seguinte. Então eu vejo que ainda há uma situação muito grande de submissão, hoje em dia, e vejo muitas mulheres que já não são tão submissas, quando elas percebem isso, viram logo lésbicas que é a melhor coisa que existe. Mas existe ainda uma submissão quanto ao ato sexual, porque se o homem não usar camisinha ele pode não ficar duro. Até outras meninas falam que é melhor, que é mais gostoso na pele, sentir, e ainda tem aquela visão assim de se não gozar dentro está tudo bem, que na verdade eu acho que no sexo heterossexual é muito pior isso. (P3)

O participante então termina sua fala dizendo que

Elas não têm esse poder efetivo de brigar pelo uso da camisinha, elas têm essa visão de que não vai pegar nada por estar no relacionamento heterossexual, então eu vejo num relacionamento heterossexual isso é um problema, esse posicionamento de querer que a pessoa use. É aquele ponto que eu falei, no gay, por exemplo, eu sou ativo, eu sendo ativo usando camisinha está ótimo, eu estou me protegendo e estou protegendo meu parceiro, eu sendo passivo se o cara não usar camisinha comigo, está ótimo, eu vou embora, ele não vai fazer sexo comigo, eu estou protegido. Então eu me protejo das duas formas, é a única opção, teoricamente. (P3)

4. Conhecer para desmitificar: os estereótipos do HIV

Algumas falas revelaram que, embora o perfil epidemiológico do HIV tenha mudado, algumas questões ainda permanecem no imaginário da população, como, por exemplo, a associação entre HIV e homossexualidade.

Também da questão de que, eu não sei, mas acho que os

homossexuais devem praticar muito sexo sem camisinha, eu acho. É só uma especulação. Porque eu acho que as pessoas do Brasil, elas usam camisinha, quando usam, que eu acho que é muito pouco, para não fazer filho. Contraceptivo. Acho que esse é um problema, o povo fala “Eu só vou usar camisinha pra não fazer filho”, e esse é um problema porque tem que usar camisinha, não por conta de filho, também! Mas principalmente por conta da doença. Porque a saúde da pessoa também é muito importante. Eu acho que os homossexuais (pausa), eu não sei se eu estou sendo preconceituoso ou não, mas é o que eu acho, acho que eles fazem muito sexo sem camisinha, e aí acho que pode passar mais facilmente para eles, é um grupo de risco. (P5)

O mesmo pode ser percebido na fala pelo entrevistado 2, quando diz que “E também tem muito preconceito, muito ainda, mas não tanto quanto tinha antes. Porque a gente sabe que antes era considerado doença dos gays, e hoje não é mais.”.

Isso pode ser explicado justamente pelo processo de ancoragem que existiu no imaginário da população, desde o início da síndrome, associando o HIV/AIDS à mortalidade e às pessoas homossexuais. De acordo com Oliveira (2013, p. 3),

A AIDS configurou-se como a primeira entidade mórbida na qual a construção biomédica, simbólica e social aconteceram de forma conjunta, colocando em evidência a problemática das relações estabelecidas entre o processo de simbolização e a adoção de práticas e comportamentos cotidianos.

Podemos perceber traços dessa associação também na fala do participante 1, quando diz que

A gente ainda não aprendeu a lidar com o HIV e com a AIDS, a gente só está com aquele processo de estigmas “eu ouvi dizer que o HIV é mais em pessoas homossexuais”, aí a transmissão é mais pelo ato sexual. Não tem o “buscar fundo”, o “vamos resolver isso”. Tanto que se uma pessoa chegar pra família e dizer “eu tenho o vírus”, acabou, a família fica (silêncio). Porque tem o estigma, a mente não evoluiu ainda. (P1)

Embora o tratamento para o HIV/AIDS tenha avançado bastante, alguns acontecimentos históricos também são significantes para a construção simbólica das RS. De acordo com o participante 1,

Quando você falou “HIV” me veio a ideia tipo (pausa) Cazuzu, que morreu de HIV, aí tipo, passou aquela cena terrível de como ele era saudável e depois ficou daquela forma, e tem a questão também de doença, que meio que tudo fica sendo controlado, pela questão de tomar um monte de remédios, que você não vai ter mais uma vida saudável, que você agora está bem, e do nada você pode ficar extremamente doente, e morrer com isso. (P1)

Gomes et al (2012) também fazem referência à contribuição dos meios de comunicação para a construção e difusão das representações, quando dizem que “A imagem do Cazuza no Brasil marcou de forma indelével a AIDS, e, anos após a sua morte, ele ainda é lembrado pela sociedade, como um símbolo da síndrome.” (Idem, 2012, p. 116)

Outro estudante também traz exemplos que viu em determinado filme:

Porque antigamente a gente considerava que era só com gay, a gente não, o pessoal da época, falava que era doença de gay, tanto que tem um filme que ilustra muito isso que é "Clube de Compras Dallas", que é um filme que eu adoro. Aí ele falou numa cena do filme "doença de gay?". Tanto que ele transava apenas com mulher. Tem aquela questão que os gays ficavam nas saunas para fazer sexo, então isso era considerado um comportamento de risco. (P2)

Alguns estudos buscam identificar a contribuição que a mídia e veículos de comunicação apresentam nas representações das populações. Alexandre (2001) diz em seu trabalho que

Diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos. É o efeito dos meios de comunicação de massa (MCM) em nossas relações sociais. (Idem, 2001, p. 113)

Uma fala em particular chama atenção justamente pelo termo utilizado pelo participante, quando perguntado sobre o que o HIV representava atualmente para o mesmo. Segundo ele:

O HIV (pausa), então, o HIV representa não sei se é uma praga na sociedade inteira, mas pra mim, na verdade, pra minha vida, eu vejo o HIV como algo que pode ser prevenido, no caso o vírus. Tomar algumas medidas para que ele não possa, como posso falar, se reproduzir e tal. Algumas medidas para que essa praga ela não venha a se repercutir, principalmente nos lugares que tem menos informação, que tem mais vulnerabilidade. (P5)

Num estudo realizado com pessoas soropositivas, que buscou identificar as representações acerca da AIDS, alguns participantes associaram a doença com as Pragas do Egito, presentes no Antigo Testamento. Segundo os autores, isso pode ser explicado devido ao fato de que

A AIDS encontra-se ancorada em certas doenças que foram traduzidas como pragas (pestes) e câncer. No que se refere à expressão “pragas do Egito”, nota-se a percepção da AIDS como punição divina, cujo sentido maior é conscientizar alguém de alguma

coisa, com um objetivo prático, principalmente de ressignificação da vida. (Gomes et al., 2012, p.118)

Outra questão percebida neste estudo foi que alguns estudantes apresentaram, em suas falas, indícios de ideias de grupos de risco, com pessoas homossexuais presentes nesses grupos, assim como a associação de homossexuais com usuários de drogas endovenosas.

Eu acho que tipo, como a gente já estudou algumas vezes, com relação ao grupo de risco, a questão das pessoas homossexuais, das pessoas que usam drogas injetáveis e tal, acho que a questão dessas pessoas deveria ser mais estudada e tal, tentar elaborar alguns métodos de prevenção de transmissão de doença, tipo a seringa, que as pessoas que usam drogas injetáveis a transmitem porque dão a seringa pra outra pessoa, e transmite também. (P5)

Percebe-se que, para os estudantes, esses estereótipos, além de reforçarem pensamentos e atitudes preconceituosas para com as PVHA, acabam também impactando diretamente na qualidade de vida das pessoas soropositivas.

Também tem a questão desse estigma, que faz com que menos pessoas vão buscar o tratamento, com que menos pessoas vão fazer o exame para saber se têm o vírus ou não, um monte de coisa negativa. (P1)

Quando foi questionado sobre os principais impactos causados pelo vírus no hospedeiro, o mesmo disse:

Para mim é a aparência, acho que a aparência é o que mais pesa, a gente tem aquela ideia que a pessoa está com o vírus e (pausa). Porque o vírus é uma coisa totalmente negativa, “Ah Meu Deus! A pessoa tá magra, acabada, qualquer doença, vírus, vai pegar porque está com a imunidade terrível. Então, aquela pessoa extremamente doente (pausa). Aí você diz assim “aquela pessoa emagreceu demais, a pessoa tá doente sempre”, e também tem a questão de dizer “Ah! A pessoa tem uma vida sexual ativa”. Tem um grupo de risco, que a gente já visualizou que tem mais contato com o vírus. Aí você vira, “Ah! Fulano tá andando com beltrano, beltrano tem uma vida sexual ativa, aí deve ter pegado o vírus”, aí meio que iria ser uma cadeia. Nessa, junta aparência, junta a questão de com quem você anda, são várias coisas (pausa). Por mais que a pessoa não tenha. (P1)

5. As dificuldades de se con(viver) com o HIV

Uma das perguntas feitas aos participantes foi sobre as principais dificuldades enfrentadas pelas PVHA. As respostas tenderam a abordar aspectos sociais, como o preconceito, a discriminação, o estigma.

O estigma. O estigma que a pessoa carrega, acho que por isso muita

gente não procura saber, pode ter alguma dúvida, "Fiz sexo sem camisinha e eu posso ter adquirido a doença". Mas o estigma que existe na sociedade, e você conviver com esse estigma é extremamente complicado. Acho que o problema do vírus HIV é o estigma que as pessoas constroem (pausa) " Ah, Meu Deus, a pessoa que está com HIV é uma bomba relógio e vai passar essa bomba relógio para outra pessoa, é uma pessoa que se eu tocar na mão vai passar o vírus pra mim". Então, existe todo um estigma, uma construção social, por trás desse termo que, é uma coisa que totalmente dificulta. (P1)

O entrevistado 2, em determinado momento, disse:

Por exemplo, se você for solteiro e você conhecer alguém e você falar "Olha, eu tenho HIV". Só essa frase, é isso, "Eu tenho HIV", três palavras que acarretam todo um preconceito, toda uma construção de coisas negativas que essa pessoa pode ter. Ela pode ser compreensiva "tudo bem, você tomou seus remédios?", tudo certo, vamos ter cuidado, vamos ter esse cuidado, essa proteção" e tal, mas essa pessoa vai te julgar demais, vai te julgar demais. (P2)

Alguns participantes também trouxeram as complicações que o vírus poderia causar no corpo do portador. De acordo com o entrevistado 3,

Elas têm dificuldades, pelo menos na área de saúde, para determinados tipos de pesquisa ou trabalho, infelizmente, mesmo sabendo que uma pessoa que está em tratamento, e que ela pode ter uma sorologia muito baixa, ela pode trabalhar em determinadas áreas, ainda é um critério eliminatório para algumas questões, por caráter de pesquisa, por caráter de contato com outros pacientes, e para vivência também é algo bem complexo, você conviver. Até como disse uma professora para mim, é um pouco preconceituoso você dizer isso, sendo que a gente diz que existem pessoas que têm, mas que com tratamento elas podem viver vidas normais, elas podem ter relações sexuais normais, mas ainda assim existe uma cultura social que, desde a época do surgimento, quando se criou fatores de risco ou grupo de risco, gerou uma certa disseminação de que é um problema a pessoa ser soropositiva, entendeu? (P3)

Achado similar foi encontrado na primeira etapa deste trabalho, uma vez que, dentre as evocações associadas ao estímulo indutor "HIV", o termo 'preconceito' aparece no quadro de quatro casas, como principal elemento da primeira periferia, com frequência 40 e ordem média de evocação mais baixa que os outros componentes periféricos. Ao analisarmos a Árvore de Similitude, a estrutura representacional se confirma, uma vez que 'preconceito' também aparece como elemento de destaque, relacionando-se com 'medo', 'vulnerabilidade' e 'cuidado'.

No estudo de Seidl et. al (2010), que buscou identificar as representações de jovens universitários sobre as pessoas vivendo com HIV/AIDS (PVHA), encontrou-se que

cerca de 1/3 dos participantes da pesquisa expressaram opiniões com viés preconceituoso, como, por exemplo, a associação do HIV com pessoas homossexuais. Em nosso estudo (OLIVEIRA, COELHO & RIBEIRO, INÉDITO), percebeu-se forte associação do estímulo indutor HIV com o elemento preconceito.

Para os estudantes, essas discriminações podem acarretar consequências para a saúde das PVHA, seja na dificuldade à adesão e continuidade do tratamento, seja na dificuldade em aceitar a condição de soropositividade, dentre outras questões. Acerca dessas dificuldades, o participante 3 disse que “É porque, por exemplo, é algo que eu vou dizer, que na minha vivência, na maioria dos caras ou meninas que têm, eles não querem dizer que têm, mas têm, e quando dizem que têm, muitas vezes eles têm determinados tipos de privação.”.

Sobre a importância dos projetos de extensão universitários sobre o tema, uma fala em questão se destacou bastante, quando uma das participantes disse que ainda existia muita ignorância e preconceito ligados ao HIV/AIDS, que existia bastante conhecimento restrito aos muros da universidade.

Ainda tem pessoa que acreditam que pega pelo toque, pelo beijo, então é essa a maior dificuldade, porque a doença ainda é muito preconizada, tem muito conhecimento, mas é um conhecimento que fica aqui, na UFBA, para a comunidade não vai, então acho que essa é uma das maiores dificuldades para essa população que vive com esse vírus, que tem a sorologia positiva. (P1)

Segundo Audy (2017), um dos principais papéis da universidade atual é o desenvolvimento social.

Nesse sentido, no contexto da terceira missão das Universidades, essas assumem um novo e renovado desafio, o de atuarem como vetores do desenvolvimento econômico e social da sociedade, ampliando suas missões básicas, de ensino e pesquisa (Audy, 2017, p. 85).

Como citado pelos próprios estudantes, o preconceito aparece como uma das principais dificuldades a serem enfrentadas pelas PVHA. A participante 5 percebe que um maior apoio às PVHA se daria através de estratégias educativas: “Acho que se as pessoas já crescessem com essa educação, de sempre incentivar quem está do nosso lado, nosso amigo, “olha faça, vai, eu te apoio eu te ajudo”, e tal, as pessoas conseguiriam resolver mais o problema.”. Lenzi et al (2018, p.2), em seu estudo, percebem que esse apoio seria essencial para uma resposta eficiente frente ao HIV, alegando que “O suporte social cumpre papel importante ao amenizar

consequências negativas de eventos estressantes relacionados à infecção, podendo contribuir para o enfrentamento do HIV”.

Considerações

Quase 40 anos se passaram desde o surgimento dos primeiros casos de AIDS e, embora estudos sobre o HIV tenham evoluído cada vez mais, ainda se mostra essencial pesquisas voltadas para essa temática, especialmente pela variedade de campos que se relacionam, direta ou indiretamente, com a mesma. Abordagens representativas tem sido cada vez mais utilizada em estudos sobre o HIV/AIDS, logo é válido ressaltar suas contribuições para o aprofundamento do conhecimento sobre a doença.

Neste estudo, alguns aspectos foram centrais nas representações dos estudantes sobre o HIV, como as associações com a doença e a AIDS. Aspectos como prevenção, vulnerabilidade e comportamento de risco também foram associados a ele. Os comportamentos de risco apareceram intimamente ligados a fatores de vulnerabilidade, dentre os quais a falta de conhecimento apresenta papel primordial. Percebemos que, dentre os comportamentos de risco citados pelos estudantes, o sexo sem o uso do preservativo nas relações sexuais aparece como principal.

Para os estudantes entrevistados, a informação é um dos elementos relevantes para a prevenção das infecções e o acesso às formas de prevenção não é percebido como algo simples, nem se reduz à disponibilidade ou não de preservativos num posto de saúde. Isso seria algo muito mais complexo, uma vez que os preservativos podem estar disponíveis, mas as pessoas não terem nem o conhecimento de que teriam direito a utilizá-los de forma gratuita. Essa situação produz uma associação entre a falta de conhecimento e a vulnerabilidade frente uma possível infecção.

Algumas falas dos estudantes trazem indícios de que o vírus é percebido por alguns participantes como uma ‘doença do outro’, o que indica uma auto-percepção de invulnerabilidade frente à contaminação. Isso talvez possa ser explicado pela noção de que a doença acomete alguns grupos, o que pode contribuir para uma instabilidade nas formas de prevenção por parte desses jovens.

A importância de projetos voltados para a temática do HIV/AIDS ou outra que esteja indiretamente ligada a ela também é ressaltada. Políticas públicas, programas de

educação sexual, políticas de controle de danos, projetos de extensão universitária e estudos acerca da temática do HIV se mostram indispensáveis para o controle da sua transmissão, não apenas no Brasil, mas também no mundo. Uma vez que a AIDS ainda é uma síndrome com altas taxas de morbi-mortalidade, a adesão ao seu tratamento se mostra uma das principais formas de se assegurar uma melhor qualidade de vida para as PVHA.

Referências Bibliográficas

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, Jul-Dez 2001. Disponível em http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/o_papel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf. Acesso em 11 Jan 2019.

ANGELIM, Rebeca et al. Representações sociais de estudantes de escolas públicas sobre as pessoas que vivem com HIV/Aids. **Saúde em Debate** [online], v. 41, n. 112, p. 221-229, 2017. Disponível em https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sdeb/v41n112/0103-1104-sdeb-41-112-0221.pdf. Acesso em 17 Jan. 2019. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711218>.

AUDY, Jorge. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. **Stud. av.**, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 75-87, May 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000200075&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Available from <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Access on 10 Dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. **AIDS**. Brasília, DF, 28 Jan. 2014.

Available from <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/286-aids/9049-o-que-e-aids>>. Access on 13 Dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico – HIV AIDS**, Brasília, v.49, n.53, p. 1-99, Nov. 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaid-2018>. Acesso em: 14 Dez 2018. ISSN 1517-1159

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Dec. 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602004000200011&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Feb. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357>.

FARIA, Krisna Reis et al. Comportamentos de risco quanto ao Vírus da Imunodeficiência Humana entre caminhoneiros. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 27-32, jan/fev. 2015. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4376/12323>. Acesso em 14 dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2015.4376>

FERREIRA, Antônio Carlos et al. Quality of life predictors for people living with HIV/AIDS in an impoverished region of Brazil. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 51, n. 6, p. 743-751, Dec. 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822018000600743&lng=en&nrm=iso. Access on 19 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0037-8682-0442-2017>.

FURTADO, Francisca Marina de Souza Freire et al. Percepção de docentes de enfermagem sobre o cuidado: uma construção heideggeriana. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 50, n. spe, p. 74-80, June 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016001100074&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000300011>.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli et al. As facetas do convívio com o HIV: formas de

relações sociais e representações sociais da AIDS para pessoas soropositivas hospitalizadas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 111-120, Mar. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100015&lng=en&nrm=iso. Access on 15 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000100015>.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli; SILVA, Érika Machado Pinto; OLIVEIRA, Denize Cristina de. Representações sociais da AIDS para pessoas que vivem com HIV e suas interfaces cotidianas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 485-492, June 2011. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000300006&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000300006>.

GUEDES, Helisamara Mota et al. Comportamentos de risco frente ao vírus da imunodeficiência humana entre frequentadores de motéis. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, p. 536-542, June 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000300015&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692012000300015>.

LENZI, Luana et al. Suporte Social e HIV: Relações Entre Características Clínicas, Sociodemográficas e Adesão ao Tratamento. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e 34422, p. 1- 11, 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100521&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Dec. 2018. Epub Nov 29, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34422>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

MOURA, Luciana Ramos de et al. Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa. **Rev. esc. enferm.**

USP, São Paulo, v. 52, e03304, p. 1-11, 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100800&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. Epub Apr 16, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2017020403304>.

NODIN, Nuno; CARBALLO-DIEGUEZ, Alex; LEAL, Isabel Pereira. Comportamentos sexuais de risco e preventivos masculinos: resultados de uma amostra recolhida através da internet em Portugal. **Saude soc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 607-619, June 2015. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000200607&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015000200017>.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Construção e transformação das representações sociais da aids e implicações para os cuidados de saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. spe, p. 276-286, Feb. 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000700034&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000700034>.

OLIVEIRA, Juan Felipy Felix de; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; RIBEIRO, Jorge Luiz Lordêlo de Sales. Abordagem Estrutural das Representações Sociais de Universitários Acerca do HIV. Inédito.

PASCHOAL, Eduardo Pereira et al. Adherence to antiretroviral therapy and its representations for people living with HIV/AIDS. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 32-40, Mar. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000100032&lng=en&nrm=iso. Access on 24 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140005>.

PECHANSKY, Flavio et al. Fatores de risco para transmissão do HIV em usuários de drogas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1651-1660, Dec. 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600024&lng=en&nrm=iso. Access on 24 Jan. 2019.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2004000600024>.

ROLIM, Sandro Rodrigues et al. Conhecimento e acesso aos programas de educação sexual e prevenção da Aids: um estudo com adolescentes escolares. **Aletheia**, Canoas, v. 49, n. 2, p. 110-121, dez. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942016000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 dez. 2018.

SEIDL, Eliane Maria Fleury; RIBEIRO, Tânia Renata Alves; GALINKIN, Ana Lúcia. Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório sobre preconceito. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 15, n. 1, p. 103-112, Apr. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000100011&lng=en&nrm=iso. Access on 29 Oct. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000100011>.

TORO-ZAPATA, Hernán Darío; CALDERON-GUTIERREZ, José Luis; MOLINA-DIAZ, Óscar Emilio. Modelo para la transmisión del VIH en una población con diferenciación de sexos y usos de medidas preventivas. **Rev. Mat**, San José, v. 25, n. 2, p. 293-318, Dec. 2018. Available from http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-24332018000200293&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.15517/rmta.v25i2.33700>.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi fundamentado na Teoria das Representações Sociais e teve como principal objetivo analisar as representações de estudantes universitários acerca do HIV. Ele identificou os conhecimentos e as percepções sobre questões que se relacionam direta ou indiretamente com o vírus, como comportamentos de risco, formas de transmissão, tratamento, etc., além de questões de cunho mais social, como as consequências que o vírus pode ter na vida das pessoas que vivem com o HIV/AIDS, suas principais dificuldades, os efeitos do preconceito na vida dessas pessoas, dentre outras questões.

Tanto no primeiro quanto no segundo artigo, alguns elementos apresentaram centralidade nas representações dos estudantes sobre o HIV, em especial a associação do HIV com a doença. Uma divergência percebida foi a relação dessa associação com o elemento morte, uma vez que, no primeiro artigo, a morte não apresentou tanto destaque na estrutura representacional desses estudantes, aparecendo como elemento da 2ª periferia, mas, no segundo artigo, ela foi destacada nas falas de quase todos os entrevistados.

De certa forma, já se esperava a associação do HIV com a AIDS, uma vez que o vírus se relaciona intimamente com a síndrome. Percebe-se que alguns estudantes misturaram questões relacionadas ao HIV com a AIDS, e vice-versa. Ambos os termos se constituem como elementos estruturantes do núcleo central das RS, relacionando-se intimamente com a ideia de doença.

Também pode-se perceber as influências que aspectos individuais e coletivos exercem nas representações, desde os relacionados às sexualidades, até aspectos históricos que permanecem ancorados nas memórias desses sujeitos. Em vários momentos houve associações entre como as pessoas percebiam o HIV antigamente e suas consequências nas representações atuais, bem como exemplos de situações observadas em filmes, séries ou notícias vinculadas ao vírus.

Um elemento aparece com destaque nos dois artigos, o preconceito, que surge no quadro de quatro casas como principal elemento da 1ª periferia e depois tem sua posição confirmada pela Árvore de Similitude, relacionando-se com termos como 'medo' e 'vulnerabilidade'. Tanto nas justificativas apresentadas no TALP, quanto

nas falas dos participantes entrevistados, o preconceito aparece como uma das principais dificuldades enfrentadas pelas PVHA.

Outro fator que merece destaque é a relevância que os participantes deram à informação e ao conhecimento, aparecendo estes elementos no primeiro e no segundo artigo como fatores importantes para o enfrentamento dos aspectos negativos da doença, em especial o preconceito. A difusão de informações sobre o HIV/AIDS aparece como importante forma de promoção da saúde das PVHA, contribuindo para a diminuição da vulnerabilidade e incrementando a prevenção. Na Árvore de Similitude, o termo se relaciona diretamente com 'tratamento', indicando a importância que o conhecimento vai ter para a adesão e/ou a continuação do tratamento.

Sobre as formas de prevenção, o preservativo aparece como figura central para os participantes, seja no primeiro artigo, como elemento da 1ª periferia, quanto no segundo artigo, em que aparece nas falas de todos os entrevistados como principal forma de prevenção. Um fator que merece destaque é o fato de que a maioria dos entrevistados que alegaram ser sexualmente ativos reconheceram o sexo desprotegido como principal fator de risco frente às infecções das DSTs/HIV, ao mesmo tempo em que admitiram ter praticado sexo desprotegido em algum momento da vida, especialmente aqueles que se encontravam em situação de relacionamento estável.

Em relação à percepção de vulnerabilidade, algumas falas dos estudantes sugerem que o vírus é percebido como uma 'doença do outro' e, em alguns casos, como pertencente a grupos específicos, como pessoas que se relacionam casualmente, profissionais do sexo, mulheres trans e homens que fazem sexo com outros homens, em especial os homossexuais. Alguns participantes afirmaram que não se percebem em situação de vulnerabilidade frente o vírus, uma vez que não se percebem como parte desses 'grupos', o que sugere uma auto-percepção de invulnerabilidade frente à contaminação.

Dentre os principais comportamentos de risco frente o HIV, dois deles merecem destaque: primeiramente, o não uso do preservativo durante a relação sexual e, em segundo lugar, a utilização de drogas injetáveis. A diferença entre as duas formas de transmissão é que a primeira se dá através da via sexual e a segunda, através do

sangue, sendo este o principal elemento da zona de contraste. O intrigante é que, embora com funções opostas, ambos os elementos - sangue e preservativo - aparecem intimamente relacionados na Árvore de Similitude.

O HIV/AIDS carrega até hoje uma série de elementos relacionados aos processos de saúde e doença, como fatores de vulnerabilidade, formas de prevenção ao contágio, fatores socioculturais, pauperização, dentre outros. Esses fatores influenciam grandemente a qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS, bem como a elaboração de ações preventivas à transmissão do vírus e de ações de promoção da saúde.

Embora os 120 estudantes participantes desta pesquisa e do projeto de extensão AIDS: Educar para desmitificar não tenham representado o HIV através de associações com prostituição, homossexuais, pessoas trans, etc., apresentaram representações pautadas nas ideias de preconceito e estigma, que se mostraram presentes em algumas falas dos entrevistados. Isso só reafirma a necessidade de criação e manutenção de programas relacionados à temática do HIV, voltados para a população em geral.

Especificamente em relação aos universitários, levando em consideração tanto o aumento do número de casos de infecção pelo vírus HIV nessa faixa etária, quanto alguns trechos de falas com viés equivocado e preconceituoso, a atuação de estratégias voltadas para esse público se mostra indispensável, especialmente levando em consideração que muitos desses estudantes atuarão na sociedade como profissionais que lidarão com as PVHA. Tendo isso em vista, mostra-se indispensável o estímulo, por parte das Universidades, de disciplinas, pesquisas e projetos de extensão que estimulem a proximidade dos estudantes com a temática do HIV/AIDS. Além disso, também é necessário que se propiciem espaços para diálogos, onde os estudantes possam expor suas opiniões, medos, dúvidas, questionamentos, etc., ou seja, um lugar onde possam dialogar acerca de questões envolvendo aspectos de gênero, sexualidades, vulnerabilidades, comportamentos de risco, formas de prevenção, promoção e melhoria da qualidade de vida das PVHA. Espaços como esses, onde todos tenham oportunidades iguais de fala, como o Projeto de Extensão Universitário “AIDS: Educar para Desmitificar”, merecem ser multiplicados pelas Universidades.

Referências Bibliográficas

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 27-38.

ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum.**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, Jul-Dez 2001. Disponível em http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/o_papel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf. Acesso em 11 Jan 2019.

ALMEIDA FILHO, N. **Universidade nova: textos críticos e esperançosos**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília; Salvador: EDUFBA, 2007.

ANGELIM, Rebeca et al. Representações sociais de estudantes de escolas públicas sobre as pessoas que vivem com HIV/Aids. **Saúde em Debate** [online], v. 41, n. 112, p. 221-229, 2017. Disponível em https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/sdeb/v41n112/0103-1104-sdeb-41-112-0221.pdf. Acesso em 17 Jan. 2019. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711218>.

ANJOS, Renata Holanda Dutra dos et al. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 4, p. 829-837, Aug. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000400007&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000400007>.

ARAGAO, Júlio César Soares; LOPES, Claudia de Souza; BASTOS, Francisco Inácio. Comportamento sexual de estudantes de um curso de medicina do Rio de Janeiro. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, p. 334-340, Sept. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022011000300006&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022011000300006>.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS - ABIA. **Mito vs Realidade: Sobre a Resposta Brasileira à Epidemia de Hiv e Aids em 2016**. Rio de Janeiro: ABIA, 2016.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **IV Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras**: relatório. Uberlândia: ANDIFES, Jul. 2016. Available from http://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Pesquisa-de-Perfil-dos-Graduanso-das-IFES_2014.pdf. Access on 03 Mar. 2019.

AUDY, Jorge. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. **Estud. av.**, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 75-87, May 2017. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000200075&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>.

BADENHORST, G; VAN STADEN, A; E COETSEE, M.Ed. Student. HIV/AIDS risk factors among residence students at the University of the Free State. **Curationis**, Pretoria, v. 31, n. 3, p. 27-35, 2008. Available from <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-62792008000300004&lng=en&nrm=iso>. Access on 01 Oct. 2018.

BARBARÁ, A et al. Contribuições das representações sociais ao estudo da aids. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 331-339, 2005. Available on <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/4783/3670>>. Access on 23 Out. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Valéria Carneiro; RUIZ, Erasmo Miessa; ARAÚJO, Fábio Ângelo L.V. de. ONGs/Aids: as múltiplas faces do diálogo com o Estado e a Sociedade Civil. **Rev. Eletr. Ciênc. Sociais**, v. 4, n. 2, p.157-175, Agosto 2008. Disponível em <http://ojs2.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/view/17072/8586>. Acesso em 01 Mar. 2019.

BEZERRA, Elys Oliveira et al. Análise estrutural das representações sociais sobre a AIDS entre pessoas que vivem com vírus da imunodeficiência humana. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e6200015, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200321&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2018. Epub 28-Maio-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-070720180006200015>.

BEZERRA, E. O. et al. Representações sociais de adolescentes acerca da relação sexual e do uso do preservativo. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 84-91, Mar. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000100084&lng=en&nrm=iso>. Access on 20 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2015.01.45639>.

BOUSFIELD, ANDRÉA BARBARÁ S.; CAMARGO, BRIGIDO VIZEU. Divulgación de los Conocimientos Científicos sobre el Sida y las Representaciones Sociales. **Act.Colom.Psicol.**, Bogotá, v. 14, n. 1, p. 31-45, June 2011. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552011000100004&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Available from <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Access on 10 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portal da Saúde. **AIDS**. Brasília, DF, 28 Jan. 2014. Available from <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/links-de-interesse/286-aids/9049-o-que-e-aids>>. Access on 13 out. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de

Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico – Hiv e Aids**. Brasília, DF, 2017. Available from <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017>. Access on 15 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico – HIV AIDS**, Brasília, v.49, n.53, p. 1-99, Nov. 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>. Acesso em: 14 Dez 2018. ISSN 1517-1159

CABALLERO BADILLO, María Claudia; CAMARGO FIGUERA, Fabio Alberto; CASTRO, Belsy Zurany. Prácticas inadecuadas del uso del condón y factores asociados en estudiantes universitarios. **Rev. Univ. Ind. Santander. Salud**, Bucaramanga, v. 43, n. 3, p. 257-262, Dec. 2011. Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-08072011000300006&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Available from <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Access on 10 out. 2017.

CARDOSO, L. et al. O consumo de álcool como fator de risco para a transmissão das DSTs/HIV/Aids. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 35, supl. 1, p. 70-75, 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832008000700015&lng=en&nrm=iso>. Access on 18 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832008000700015>.

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 445-456, Dec. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300003&lng=en&nrm=iso>. Access on 24 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2008000300003>.

COELHO, M. T. Á. D.; SANTOS, V. P.; ALMEIDA, G. K. S. O nível de informação de jovens universitárias do bacharelado interdisciplinar em saúde da UFBA acerca do HIV/AIDS. In: COELHO, M. T. Á. D.; TEIXEIRA, C. F. S. (Org.). **Interdisciplinaridade na educação superior: o bacharelado em saúde**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 149-157.

CORTES ALFARO, Alba; GARCIA ROCHE, René; OCHOA SOTO, Rosaida. Comportamiento sexual y uso del condón en estudiantes de la facultad de tecnología de la salud. **Rev Cubana Med Trop**, Ciudad de la Habana, v. 67, n. 2, agosto 2015. Disponible en <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0375-07602015000200007&lng=es&nrm=iso>. Accedido en 30 sept. 2018.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; BÚ, Emerson do. A Técnica de Associação Livre de Palavras sobre o prisma do software tri-deux-mots (version 5.2). **Rev. Campo do Saber**, Cabedelo, v. 3, n. 1, p. 219-243, 2017. Disponível em: <http://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/viewFile/72/58>. Acesso

em 1 Mar. 2019. ISSN: 2447-5017.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Dec. 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602004000200011&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Feb. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357>.

FARIA, Krisna Reis et al. Comportamentos de risco quanto ao Vírus da Imunodeficiência Humana entre caminhoneiros. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 27-32, jan/fev. 2015. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4376/12323>. Acesso em 14 dez. 2018. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2015.4376>

FERREIRA, Antônio Carlos et al. Quality of life predictors for people living with HIV/AIDS in an impoverished region of Brazil. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, Uberaba, v. 51, n. 6, p. 743-751, Dec. 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86822018000600743&lng=en&nrm=iso. Access on 19 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0037-8682-0442-2017>.

FURTADO, Francisca Marina de Souza Freire et al. Percepção de docentes de enfermagem sobre o cuidado: uma construção heideggeriana. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 50, n. spe, p. 74-80, June 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342016001100074&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000300011>.

GARCIA ALUM, Nury Esther et al. Actitudes hacia el uso del condón masculino para la prevención del VIH/sida en estudiantes de medicina. **Rev Ciencias Médicas**, Pinar del Río, v. 15, n. 3, p. 38-49, sept. 2011. Disponible en <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1561-31942011000300005&lng=es&nrm=iso>. Accedido en 01 oct. 2018.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. **Saude soc.**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 612-622, Sept. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000300008&lng=en&nrm=iso>. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli et al. As facetas do convívio com o HIV: formas de relações sociais e representações sociais da AIDS para pessoas soropositivas hospitalizadas. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 111-120, Mar. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100015&lng=en&nrm=iso. Access on 15 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452012000100015>.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli; SILVA, Érika Machado Pinto; OLIVEIRA, Denize Cristina de. Representações sociais da AIDS para pessoas que vivem com HIV e

suas interfaces cotidianas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 3, p. 485-492, June 2011. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000300006&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692011000300006>.

GUEDES, Helisamara Mota et al. Comportamentos de risco frente ao vírus da imunodeficiência humana entre frequentadores de motéis. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, p. 536-542, June 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692012000300015&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692012000300015>.

GUIMARAES, Mark Drew Crosland et al. Mortalidade por HIV/Aids no Brasil, 2000-2015: motivos para preocupação? **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 20, supl. 1, p. 182-190, Maio 2017. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2017000500182&lng=en&nrm=iso. Access on 02 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201700050015>.

KADRI, Michele Rocha; SCHWEICKARDT, Julio Cesar. As Organizações da Sociedade Civil no enfrentamento à AIDS no Amazonas, Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1331-1339, Maio 2015. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000501331&lng=en&nrm=iso. Access on 02 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015205.01272014>.

LEAL, N. S. B.; COELHO, A. E. L. Representações sociais da AIDS para estudantes de Psicologia. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 9-16, Apr. 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922016000100009&lng=en&nrm=iso. Access on 18 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/918>.

LEITE, Maria da Trindade Ferreira et al. Saber e prática contraceptiva e prevenção de DST/HIV/AIDS em universitários da área da saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 434-438, Aug. 2007. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000400014&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000400014>.

LENZI, Luana et al. Suporte Social e HIV: Relações Entre Características Clínicas, Sociodemográficas e Adesão ao Tratamento. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 34, e 34422, p. 1-11, 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722018000100521&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Dec. 2018. Epub Nov 29, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34422>.

LOZANO GONZALEZ, Aldo Favio; TORRES LOPEZ, Teresa Margarita; ARANDA BELTRAN, Carolina. Concepciones culturales del VIH/Sida de estudiantes adolescentes de la Universidad de Guadalajara, México. **Rev. latinoam. cienc. soc. niñez juv.**, Manizales, v. 6, n. 2, p. 739-768, July 2008. Available from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-

715X2008000200009&lng=en&nrm=iso>. Access on 01 Oct. 2018

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

MIRABAL NAPOLES, Marjoris et al. Actitudes socioculturales frente a las infecciones de transmisión sexual en estudiantes de Medicina. **Rev Hum Med**, Ciudad de Camaguey, v. 13, n. 1, p. 56-71, abr. 2013. Available from http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1727-81202013000100005&lng=es&nrm=iso. Access on 30 sept. 2018.

MOURA, Luciana Ramos de et al. Fatores associados aos comportamentos de risco à saúde entre adolescentes brasileiros: uma revisão integrativa. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 52, e03304, p. 1-11, 2018. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342018000100800&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. Epub Apr 16, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s1980-220x2017020403304>.

NATIVIDADE, Jean Carlos; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, conhecimento científico e fontes de informação sobre aids. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 21, n. 49, p. 165-174, Aug. 2011. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200004&lng=en&nrm=iso. Access on 02 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200004>.

NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação livre de palavras. In: COUTINHO, M. P. L. et al. (Org.) **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 67-77.

NODIN, Nuno; CARBALLO-DIEGUEZ, Alex; LEAL, Isabel Pereira. Comportamentos sexuais de risco e preventivos masculinos: resultados de uma amostra recolhida através da internet em Portugal. **Saude soc.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 607-619, June 2015. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000200607&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015000200017>.

OLIVEIRA, Denize Cristina de Oliveira et al. A produção de conhecimento sobre HIV/AIDS no campo da teoria de representações sociais em 25 anos da epidemia. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 9, n. 3, p. 821-834, set. 2007. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/7508/5326>. Acesso em 01 Mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v9i3.7508>.

OLIVEIRA, Denize Cristina de. Construção e transformação das representações sociais da aids e implicações para os cuidados de saúde. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 21, n. spe, p. 276-286, Feb. 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692013000700034&lng=en&nrm=iso. Access on 16 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692013000700034>.

OLIVEIRA, Juan Felipy Felix de; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; RIBEIRO, Jorge Luiz Lordêlo de Sales. **Abordagem Estrutural das Representações Sociais de Universitários Acerca do HIV**. Inédito.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 180-186, June 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014&lng=en&nrm=iso. Access on 25 Feb. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014>.

OLTRAMARI, Leandro. Um Esboço sobre as Representações Sociais da AIDS nos Estudos Produzidos no Brasil. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 4, n. 45, p. 2-17, jan. 2003. ISSN 1984-8951. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1948>. Acesso em: 20 maio 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/1948>.

PASCHOAL, Eduardo Pereira et al. Adherence to antiretroviral therapy and its representations for people living with HIV/AIDS. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 32-40, Mar. 2014. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452014000100032&lng=en&nrm=iso. Access on 24 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20140005>.

PECHANSKY, Flavio et al. Fatores de risco para transmissão do HIV em usuários de drogas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1651-1660, Dec. 2004. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000600024&lng=en&nrm=iso. Access on 24 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2004000600024>.

PEREZ-PEREZ, Itahisa; MORON-MARCHENA, Juan Agustín; COBOS-SANCHIZ, David. Comportamientos y prejuicios de los jóvenes con relación al VIH/Sida: un estudio cualitativo con jóvenes universitarios nicaragüenses. **PSM**, San Pedro, v. 13, n. 1, p. 71-98, Dec. 2015. Available from http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1659-02012015000200004&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018.

PINTO, A.; PINHEIRO, P; VIEIRA, N.; ALVES, M. Compreensão da pandemia da aids nos últimos 25 anos. **DST – J bras Doenças Sex Transm**, v.19, n.1, p.45-50, 2007. Available from <http://www.dst.uff.br/revista19-1-2007/7.pdf>. Access on 12 Oct. 2017.

REIS, Marta et al. Os comportamentos sexuais dos universitários portugueses de ambos os sexos em 2010. **Rev. Port. Sau. Pub.**, Lisboa, v. 30, n. 2, p. 105-114, jul. 2012. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252012000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 set. 2018. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpsp.2012.12.001>.

REIS, Marta et al. Relação entre atitudes sexuais, conhecimentos e atitudes sobre VIH/Sida na orientação sexual. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 141-

151, mar. 2013. Disponível em
 <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 set. 2018.

RODRIGUES, Larissa Silva Abreu et al. Vulnerabilidade de mulheres em união heterossexual estável à infecção pelo HIV/Aids: estudo de representações sociais. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 349-355, Apr. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200012&lng=en&nrm=iso>. Access on 27 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000200012>.

ROLIM, Sandro Rodrigues et al. Conhecimento e acesso aos programas de educação sexual e prevenção da Aids: um estudo com adolescentes escolares. **Aletheia**, Canoas, v. 49, n. 2, p. 110-121, dez. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942016000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 dez. 2018.

SA, Celso Pereira de. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 19-33, dez. 1996. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 out. 2018.

SANTOS, Nivalda de Andrade. **Representações Sociais de mulheres que vivem com o HIV/aids sobre aids, HIV e cuidado de enfermagem**. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. URL: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/15112>.

SANTOS, N. J. S. et al. A aids no Estado de São Paulo: as mudanças no perfil da epidemia e perspectivas da vigilância epidemiológica. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 286-310, Dec. 2002. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2002000300007&lng=en&nrm=iso. Access on 14 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2002000300007>.

SANTOS, V. P.; COELHO, M. T. A. D.; MACARIO, E. L.; OLIVEIRA, T. C. S. Existe relação entre o conhecimento de estudantes a respeito das formas de contágio do HIV/AIDS e suas respostas sobre a proximidade com soropositivos? **Ciencia & Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 8, p. 2745 - 2752, Aug. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002802745&lng=en&nrm=iso>. Access on 21 Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017228.25892015>.

SEIDL, Eliane Maria Fleury; RIBEIRO, Tânia Renata Alves; GALINKIN, Ana Lúcia. Opiniões de jovens universitários sobre pessoas com HIV/AIDS: um estudo exploratório sobre preconceito. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 15, n. 1, p. 103-112, Apr. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712010000100011&lng=en&nrm=iso. Access on 30 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712010000100011>.

SILVA, Cristiano Domingues; MAGALHÃES JÚNIOR, Carlos Alberto O.; INADA, Jaqueline Feltrin. Psicologia Social, Representações Sociais e AIDS. **Revista de**

Ensino, Educação e Ciências Humanas, Londrina, v. 18, n.4, p. 458-463, 2017. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/322683226_Psicologia_Social_Representacoes_Sociais_e_AIDS. Acesso em 1 Mar. 2019. DOI: 10.17921/2447-8733.2017v18n4p458-463.

SILVA, S. **As representações sociais sobre Aids para jovens universitários de Belo Horizonte**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

TAMAYO-ZULUAGA, B. et al. Estigma social en la atención de personas con VIH/sida por estudiantes y profesionales de las áreas de la salud, Medellín. **Ciencias de La Salud**, [s.l.], v. 13, n. 1, p.9-23, 27 Feb 2015. Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. Available from <http://dx.doi.org/10.12804/revsalud13.01.2015.01>. Access on 17 Oct. 2017.

TEIXEIRA, C. F. S.; COELHO, M. T. Á. D.; ROCHA, M. N. D. Bacharelado interdisciplinar: uma proposta inovadora na educação superior em saúde no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 1635-1646, June 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000600015&lng=en&nrm=iso. Access on 21 Oct. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600015>.

TORO-ZAPATA, Hernán Darío; CALDERON-GUTIERREZ, José Luis; MOLINA-DIAZ, Óscar Emilio. Modelo para la transmisión del VIH en una población con diferenciación de sexos y usos de medidas preventivas. **Rev. Mat**, San José, v. 25, n. 2, p. 293-318, Dec. 2018. Available from http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-24332018000200293&lng=en&nrm=iso. Access on 17 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.15517/rmta.v25i2.33700>.

TORRES LOPEZ, T. M. et al. Concepciones culturales del VIH/Sida de adolescentes de Bolivia, Chile y México. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 5, p. 820-829, Oct. 2010. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000500007&lng=en&nrm=iso. Access on 20 Jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000500007>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA). Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC). **Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde**. Salvador: UFBA, 2010.

VAN STADEN, A; BADENHORST, G. Reviewing gender and cultural factors associated with HIV/AIDS among university students in the South African context. **Curationis**, Pretoria, v. 32, n. 4, p. 19-28, 2009. Available from http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-62792009000400002&lng=en&nrm=iso. Access on 01 Oct. 2018.

VILLARINHO, M. V. et al. Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 66, n. 2, p. 271-277, Apr. 2013. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-

[71672013000200018&lng=en&nrm=iso.](http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018) Access on 17 Nov. 2017.
[http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018.](http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018)

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



INFORMAÇÕES AOS COLABORADORES E TCLE



Você está sendo convidada(o) a participar de um estudo denominado CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS DE SAÚDE E DOENÇA, cujo objetivo principal é investigar concepções e práticas de saúde e doença entre alunos e docentes do seu curso. Diante da escassa produção acerca desse tema, você é uma das pessoas mais indicadas para colaborar com este estudo, já que integra o corpo do seu curso. Esta pesquisa contribuirá para o enriquecimento do debate científico sobre o assunto, bem como para a sua formação acadêmica no campo da saúde.

A sua participação neste estudo será no sentido de responder a um questionário semiestruturado, por escrito, e/ou de participar de uma entrevista gravada com gravador de voz, que aprofunde o tema desta investigação. Tanto a aplicação do questionário quanto a realização da entrevista será feita por um integrante da equipe de pesquisa, as informações fornecidas por você serão transcritas também apenas por esses integrantes e farão parte de trabalhos apresentados e publicados em congressos, revistas ou livros, com a garantia do seu anonimato. Você não usufruirá de nenhum benefício direto, oriundo desta pesquisa, nem terá despesas decorrentes da sua participação nela. Embora este estudo ofereça riscos mínimos, você está assegurada(o) de que, em caso de algum desconforto decorrente de sua participação nesta pesquisa, terá assistência junto ao Serviço Médico de sua universidade. Visando reduzir esse risco, seu depoimento será realizado de modo sigiloso, as informações prestadas por você serão analisadas cientificamente e sua privacidade será respeitada, mesmo após o término da sua participação, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo será mantido em sigilo, conforme preconiza a Resolução 466/2012, que regulamenta pesquisas com seres humanos. Os dados desta pesquisa ficarão guardados sob a tutela da pesquisadora responsável, pelo período de cinco anos, após o que solicito sua autorização para mantê-lo no banco de dados desta pesquisa, para posteriores estudos. Você pode se recusar a participar desta pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, bem como retornar a participar da mesma, sem precisar justificar, e, por desejar sair da pesquisa ou retornar a ela, não sofrerá qualquer prejuízo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, vinculada ao IHAC - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da UFBA, localizado na Rua Barão de Jeremoabo, s/n, PAF 4, sala 6, Campus de Ondina, Salvador. Com ela você poderá manter contato através do telefone 32836798, em horário comercial, para esclarecer dúvidas que possam surgir. Você também poderá manter contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA, através do telefone 32837615, para esclarecimento de dúvidas. Durante toda a pesquisa, lhe é garantida(o) o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre este estudo e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.


Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Pesquisadora membro da Equipe

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E PÓS-ESCLARECIDO

Me sentindo suficientemente esclarecida(o), não tendo sido submetida(o) a nenhuma coação, tendo sido informada(o) quanto ao teor aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo deste estudo, aceito participar desta pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum custo, valor econômico a receber ou a pagar, por minha participação. Eu assino este documento em duas vias e uma delas fica comigo.

Salvador, ____ de _____ de 201__

Assinatura da(o) participante da pesquisa

APÊNDICE B – Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) aplicado aos estudantes participantes da extensão AIDS: Educar para Desmitificar



TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS

Data: ___/___/___

1. IDENTIFICAÇÃO

| | | | |
|---|--|---|---|
| Iniciais do nome: | | Sexo: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro _____ | |
| Idade: | Religião: | Estado Civil: | |
| Identidade de gênero: Homem <input type="checkbox"/> Mulher <input type="checkbox"/> Outro () _____ | Cor autodeclarada: Amarela <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Preta <input type="checkbox"/> | Exerce atividade remunerada: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | |
| Naturalidade: | Renda familiar aproximada: + ou – R\$ _____ | | |
| Curso: _____ | Semestre: _____ | | |
| Possui outra graduação? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> | | Qual: _____ | |
| Como você se autorrefere? | | | |
| <input type="checkbox"/> Lésbica | <input type="checkbox"/> Gay | <input type="checkbox"/> Bissexual | Travesti <input type="checkbox"/> Transexual <input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Outros _____ |

2. ESTÍMULO

I. O que lhe vem à cabeça quando falo a palavra _____?

- 1. _____ ()
- 2. _____ ()
- 3. _____ ()
- 4. _____ ()
- 5. _____ ()

| |
|---------------|
| Justificativa |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

2. ESTÍMULO

I. O que lhe vem à cabeça quando falo a palavra _____?

- 1. _____ ()
- 2. _____ ()
- 3. _____ ()
- 4. _____ ()
- 5. _____ ()

| |
|---------------|
| Justificativa |
| |
| |
| |
| |
| |
| |

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista aplicada aos estudantes participantes da extensão AIDS: Educar para Desmitificar

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- O que o 'HIV' atualmente representa para você? - Que outras representações você tem acerca do HIV?
- O que a 'AIDS' representa atualmente para você? - Que outras representações você tem acerca da AIDS?
- Em suas concepções, existem diferenças entre o HIV e AIDS? Se existem, quais?
- Em sua opinião, quais as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com sorologia positiva para o HIV?
- Em sua opinião, quais as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que vivem com AIDS?
- Na sua concepção, existem formas de identificar se uma pessoa é soropositiva ou não, sem que seja através da realização de exames?Quais?
- Para você o que são 'comportamentos de risco' frente ao HIV/AIDS?
- Para você qual o comportamento que representa maior risco para a transmissão do HIV/AIDS? Por quê?
- Através de quais formas uma pessoa pode se expor ao HIV/AIDS?
- Você se considera exposto(a) a algumas dessas situações? A quais?
- Você acredita que todas as pessoas estão susceptíveis a contrair HIV/AIDS? Por quê?
- Você já realizou o teste para a detecção do HIV?Por quê?
- Pretende realizar o teste para a detecção do HIV futuramente? Por quê?
- Você acha que é um direito exigir que o(a) parceiro(a) utilize a camisinha?
- Você acha que o outro(a) tem o direito de exigir que você utilize camisinha?
- De acordo com suas concepções, práticas e modo de vida, você se considera susceptível a contrair o HIV?

ANEXOS

ANEXO A – Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA / Plataforma Brasil

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS LIGADAS A PROCESSOS DE SAÚDE E DOENÇA

Pesquisador: Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 30906414.0.0000.5531

Instituição Proponente: Instituto de Humanidades Artes e Ciências Professor Milton Santos

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.349.850

Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda do protocolo intitulado "CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS LIGADAS A PROCESSOS DE SAÚDE E DOENÇA" aprovado por esse CEP em 06 de Agosto de 2014 sob número de parecer 741.187.

A presente emenda originará novos trabalhos de conclusão de curso de graduandos e dissertação.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos apresentados na emenda não diferem dos objetivos apresentados no parecer anterior.

Objetivo Primário:

O objetivo principal deste estudo, nessa direção, é investigar as concepções, representações e práticas pessoais e profissionais ligadas a processos de saúde e doença entre alunos e/ou professores de um curso superior em saúde.

Objetivo Secundário:

Dentre os objetivos específicos encontram-se a investigação de: 1) auto-percepção quanto ao estado de saúde e/ou doença; 2) buscas terapêuticas; 3) ações de prevenção da doença; 4) ações de promoção da saúde; 5) concepções, representações e práticas de saúde que permeiam atividades profissionais, de ensino, pesquisa e extensão, ligadas aos processos de saúde e doença; 6) concepções, representações e práticas ligadas ao hiv/aids; 7) concepções, representações e

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar

Bairro: Canela

CEP: 41.110-060

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-7615

Fax: (71)3283-7615

E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 2.349.850

práticas ligadas ao álcool e outras drogas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram adequadamente descritos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de interesse para a saúde e para a educação em saúde. Viável e trará contribuições para as práticas em saúde.

O trabalho será iniciado em março/2018, segundo o cronograma alimentado na Plataforma Brasil.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apensados.

Recomendações:

- Revisar cronograma, detalhando etapas da pesquisa, mês e ano.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O colegiado acompanha o parecer do relator de aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--------------------------------------|------------------------|-----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_965746 E1.pdf | 07/10/2017 19:30:26 | | Aceito |
| Outros | Questinario_2.pdf | 07/10/2017 19:28:52 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | Declaracao_Concordancia_2.pdf | 07/10/2017 18:51:33 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETO_DE_PESQUISA.pdf | 05/10/2017 20:27:07 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | Curriculo_Lattes.pdf | 05/10/2017 20:23:15 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | DECLARACAO_CONCORDANCIA.JPG | 05/10/2017 | Maria Thereza Ávila | Aceito |

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 2.349.850

| | | | | |
|---|--|------------------------|--------------------------------------|--------|
| Outros | DECLARACAO_CONCORDANCIA.JPG | 20:18:53 | Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | ENTREVISTA.pdf | 05/10/2017 20:14:41 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Cronograma | CRONOGRAMA.pdf | 05/10/2017 20:12:41 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | Questionario.pdf | 05/10/2017 20:11:39 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 05/10/2017 20:10:09 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | TESTE_DE_ASSOCIACAO_LIVRE_DE PALAVRAS.pdf | 05/10/2017 20:05:45 | Maria Thereza Ávila Dantas Coelho | Aceito |
| Outros | Termo de Confidencialidade.pdf | 05/05/2014 20:16:07 | | Aceito |
| Outros | Termo de Compromisso do Pesquisador -signed.pdf | 05/05/2014 17:06:42 | | Aceito |
| Outros | Solicitação para pesquisa.pdf | 05/05/2014 17:04:53 | | Aceito |
| Outros | Autorização institucional.pdf | 05/05/2014 16:34:23 | | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha de rosto Messias.PDF | 05/05/2014 16:24:29 | | Aceito |
| Outros | Carta Circular nº 061-2012.pdf | 24/03/2014 22:41:20 | | Aceito |
| Outros | Reso466-12.pdf | 24/03/2014 22:39:26 | | Aceito |
| Outros | Orientações para construção do TCLE CEPEE.UFBA.doc | 24/03/2014 22:38:59 | | Aceito |
| Outros | MODELO DO TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSITUIÇÃO CO PARTICIPANTE.doc | 24/03/2014 22:38:28 | | Aceito |
| Outros | INSTRUÇÕES PARA SUBMISSÃO DE PROJETOS AO CEPEE.doc | 24/03/2014 22:37:53 | | Aceito |
| Outros | CHECK_LIST_CEP_EEUFBA.doc | 24/03/2014 22:36:35 | | Aceito |
| Outros | MODELO_DOS_TERMOS_COMUNS_A TODOS OS PROJETOS.doc | 24/03/2014 22:36:11 | | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br

UFBA - ESCOLA DE
ENFERMAGEM DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA



Continuação do Parecer: 2.349.850

SALVADOR, 25 de Outubro de 2017

Assinado por:
Maria Carolina Ortiz Whitaker
(Coordenador)

Endereço: Rua Augusto Viana S/N 3º Andar
Bairro: Canela CEP: 41.110-060
UF: BA Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-7615 Fax: (71)3283-7615 E-mail: cepee.ufba@ufba.br